

## RELATÓRIO DE UMA EXPERIÊNCIA DE TRABALHO DE CAMPO NA UNIVERSIDADE ESTADUAL DE CAMPINAS (UNICAMP) - CAMPUS BARÃO GERALDO



<https://doi.org/10.22533/at.ed.305112521011>

*Data de aceite: 21/01/2025*

**Jean Fabien**

Doutor em Sociologia pela Universidade Estadual de Campinas (UNICAMP), Professor visitante da Universidade Federal de Sergipe (UFS), pesquisador do GEPPIP e bolsista da CAPES

**RESUMO:** Este artigo é, mais uma vez, uma ocasião excepcional para relatar minha experiência no âmbito de um trabalho de campo, cujo objetivo era, primeiro, ir observar a convivência e a rotina acadêmica dos/as estudantes estrangeiros/as, no campus da Universidade Estadual de Campinas (UNICAMP) em Barão Geraldo, segundo, encontrá-los e entrevistá-los sobre sua experiência acadêmica internacional. Em notas introdutórias, serão explicitadas as razões de uma tal pesquisa de campo. Tratar-se-á, em segundo lugar, de descrever e explicar as principais estratégias metodológicas empregadas para coletar os dados. Em terceiro lugar, será proposta uma discussão conceitual e teórica entre migração e mobilidade; estudantes estrangeiros e estudantes internacionais. Por fim, o quarto e último assunto que o leitor encontrará

neste relatório é uma reflexão analítica de alguns resultados parciais. Estes ressaltam provisoriamente que, no âmbito da mobilidade estudantil, a questão do visto é diversa, os programas acadêmicos são distintos, o tipo, o momento e o estatuto do intercâmbio dependem do objetivo do/a aluno/a, a relação entre mobilidade e empregabilidade é problemática, enfim, apesar de algumas incertezas, os jovens estudantes estrangeiros entrevistados/as formulam suas ambições futuras em relação ao que sua experiência internacional poderia trazer para seu próprio futuro e para o do seu país.

**PALAVRAS-CHAVE:** Relatório. Mobilidade estudantil. Estudante estrangeiro. Trabalho de campo.

## REPORT OF A FIELD WORK EXPERIENCE AT THE STATE UNIVERSITY OF CAMPINAS (UNICAMP) - BARÃO GERALDO CAMPUS

**ABSTRACT:** This article is, once again, an exceptional opportunity to report my experience as part of fieldwork, the objective of which was, firstly, to observe the coexistence and academic routine of foreign students on the campus of the State University from Campinas (UNICAMP) in Barão Geraldo, second, to meet and interview them about their international academic experience. In introductory notes, the reasons for such field research will be explained. Secondly, it will be about describing and explaining the main methodological strategies used to collect the data. Thirdly, a conceptual and theoretical discussion between migration and mobility will be proposed; foreign students and international students. Finally, the fourth and final subject that the reader will find in this report is an analytical reflection of some partial results. These provisionally highlight that, in the context of student mobility, the visa issue is different, the academic programs are different, the type, timing and status of the exchange depend on the student's objective, the relationship between mobility and employability. It is problematic, finally, despite some uncertainties, the young foreign students interviewed formulate their future ambitions in relation to what their international experience could bring to their own future and that of their country.

**KEYWORDS:** Report. Student mobility. Foreign student. Field work.

## RAPPORT D'UNE EXPÉRIENCE DE TRAVAIL DE TERRAIN À L'UNIVERSITÉ D'ÉTAT DE CAMPINAS (UNICAMP) - CAMPUS BARÃO GERALDO

**RÉSUMÉ:** Cet article est, une fois de plus, une occasion exceptionnelle de rapporter mon expérience dans le cadre d'un travail de terrain dont l'objectif était, dans un premier temps, d'observer la coexistence et la routine académique des étudiants étrangers sur le campus de l'Université d'État de Campinas (UNICAMP) à Barão Geraldo, deuxièmement, il s'agissait de les rencontrer et les interviewer sur leur expérience universitaire internationale. Dans les notes introductives, les raisons d'une telle recherche sur le terrain seront expliquées. Dans un deuxième temps, il s'agira de décrire et d'expliquer les principales stratégies méthodologiques utilisées pour collecter les données. Troisièmement, une discussion conceptuelle et théorique entre migration et mobilité ; étudiants étrangers et étudiants internationaux sera proposée. Enfin, le quatrième et dernier sujet que le lecteur trouvera dans ce rapport est une réflexion analytique de quelques résultats partiels. Ceux-ci soulignent provisoirement que, dans le cadre de la mobilité étudiante, la question des visas est diverse, les programmes académiques sont différents, le type, le calendrier et le statut de l'échange dépendent de l'objectif de l'étudiant, la relation entre mobilité et employabilité est problématique, enfin, malgré quelques incertitudes, les jeunes étudiants étrangers interrogés formulent leurs ambitions futures par rapport à ce que leur expérience internationale pourrait apporter à leur propre avenir et à celui de leur pays.

**MOTS-CLÉS:** Rapport. Mobilité étudiante. Étudiant étranger. Travail sur le terrain.

## AGRADECIMENTO

O trabalho de campo de que se trata neste relatório nunca teria sido possível sem o apoio financeiro da Coordenação de Aperfeiçoamento de Pessoal de Nível Superior (CAPES) da qual sou também bolsista, por isso eu lhe agradeço grandemente. Meus agradecimentos serão também direcionados, indistintamente, a cada colega do Projeto Solidariedade Acadêmica - também financiado pela CAPES - pelo acolhimento na Universidade Federal de Sergipe (UFS) como professor visitante e nos grupos de pesquisa, pela colaboração e pela confiança. Eu não posso esquecer a grande ajuda, a preciosa orientação e a atenção incondicional que eu recebi na UNICAMP tanto por parte das personalidades institucionais da Diretoria Executiva das Relações Internacionais (DERI) e da Diretoria Acadêmica (DAC) quanto por parte dos professores e funcionários, quero que cada um deles com quem eu tive uma conversa produtiva, uma experiência enriquecedora ou um encontro ordinário durante este campo seja profundamente agradecido aqui. Por fim, eu gostaria de agradecer imensamente cada aluno/a estrangeiro/a do campus da Unicamp em Barão Geraldo, que, apesar das dificuldades, me fizeram a honra de encontrá-los e entrevistá-los no modo presencial ou digital. A todos eles e a todas elas, minhas gratidões serão eternamente inesquecíveis pelo tempo, pelo carinho, pela disponibilidade, pela disposição, pela confiança, pela paciência e pela atenção que me consagraram durante todo o período do trabalho de campo.

## INTRODUÇÃO: JUSTIFICATIVA DA ESCOLHA DO CAMPO E DOS SUJEITOS DE PESQUISA

Por que um trabalho de campo? Por que a Unicamp? Por que os estudantes internacionais?

Comecei a nutrir essa ideia de realizar um trabalho de campo na Unicamp desde minha entrada, em dezembro de 2023, na Universidade Federal de Sergipe a título de professor visitante no âmbito do Projeto Solidariedade Acadêmica da CAPES. Porém, as discussões que surgiram durante as reuniões de trabalhos, a incompatibilidade dos calendários de atividades (entre UFS e UNICAMP), as dificuldades de comunicação, as dúvidas quanto à mobilização, à motivação e ao interesse dos estudantes internacionais no Campus da Unicamp em Barão Geraldo, a complexidade das relações, etc. têm atrasado um pouco esta conquista. Todavia, apesar de tudo, os contatos com a Diretoria Executiva das Relações Internacionais da (DERI) foram retomados a partir de abril de 2024, mas interrompidos para enfim voltar de novo ao normal uns dois meses antes da viagem. Para que a DERI possa me orientar melhor, acompanhar meu trabalho de campo na Unicamp e agilizar minha ligação com os/as alunos/as, eu lhe mandei com antecedência um plano de trabalho. As conversas foram frutuosas, pois levaram à garantia de ter estudantes internacionais prontos/as, dispostos/as, mobilizados/as, motivados/as e interessados/as a falar comigo. O que tornou o trabalho de campo mais viável.

Nas ciências humanas e sociais - particularmente na antropologia e na sociologia - o trabalho de campo tende a se constituir cada vez mais incontornável para a pesquisa empírica, quantitativa e qualitativa. O conceito de campo em si designa todo espaço estruturado de posições ou de postos em que existem dominação e relação de poder sem que os ocupantes não precisem estar em contato ou em relação entre si, o campo é portanto uma relação dialética entre *habitus* e situação (BOURDIEU, 1983). Outro conceito interessante em Pierre Bourdieu, um dos sociólogos franceses mais influentes do século XX, o *habitus* representa um sistema de ações que orienta as práticas sociais (BOURDIEU, 2007). Dito isso, um trabalho de campo - ou pesquisa de campo - consiste, do ponto de vista clássico, na atitude do/a pesquisador/a de se deslocar fisicamente até um espaço (de disputas, de poder, de conflito, de dominação, de relação, de interação, etc) no qual se produz ou se reproduz o fenômeno (sistema de ações ou práticas) a ser estudado, estando assim um observador/a participante. O método de observação participante, proposta pelo antropólogo polonês, Bronislaw Malinowski, quando estudava os costumes dos Argonautas do Pacífico, se traduz pela imersão total do/a pesquisador/a nos sistemas de vida das pessoas pesquisadas (MALINOWSKI, 1922). Assim, meu campo de pesquisa, a UNICAMP, se apresenta como um espaço de ação, relação e interação entre os/as estudantes estrangeiros, em que, durante cinco dias (de 21 a 25 de outubro) consecutivos, eu me mergulhei nas suas rotinas de vida acadêmica.

Com efeito, um trabalho de campo serviria, de maneira prática, a, primeiro, entender o fenômeno já existente num determinado espaço social (hospital, universidade, igreja, escola, comunidade etc.) e sobre o qual é interessante coletar dados relevantes, sem esquecer que neste mesmo fenômeno atores sociais ou agentes sociais entram em ação, relação, interação e interrelação ou até em conflito, disputa, luta, pois se trata de um campo de poderes simbólicos (BOURDIEU, 1980). Em segundo lugar, trata-se de, em alguns casos, verificar uma hipótese formulada anteriormente a partir de uma base teórica; por fim, a terceira finalidade do trabalho de campo seria criar eventualmente teorias propondo novos olhares. Portanto, um trabalho de campo é, no sentido de Geertz (1989), uma descrição densa e uma análise dos comportamentos humanos num determinado contexto. Para o antropólogo americano, uma vez que está no campo, o papel do pesquisador é saber conversar com as pessoas (GEERTZ, 1989). Esta atitude implica não somente cumplicidade e reciprocidade entre o pesquisador e os/as pesquisados/as, mas, sobretudo, a penetração por este no universo da ação simbólica deles/as, a fim de entender os significados dos objetos e das ações.

Tanto na perspectiva da antropologia clássica quanto na da sociologia clássica, trabalho de campo se relaciona com o método etnográfico, que é possível só com a presença física do pesquisador no território da produção ou da reprodução do fenômeno a ser investigado, ou seja, quando o pesquisador se mergulhar e se misturar corporal e fisicamente nas culturas locais. Mas, com o desenvolvimento da Internet e o advento das novas tecnologias, das mídias sociais, das redes sociais como Whatsapp e Facebook, das plataformas virtuais destinadas a videoconferência (reunião de trabalho, conferência,

evento...) como Google Meet, Zoom, Skype, Teams etc., houve grandes transformações nas maneiras de que as relações, as trocas, as ações, os conflitos, as interações sociais se posicionam no mundo. Portanto, pode ser que, hoje em dia, a presença do corpo físico do pesquisador no campo não seja tão necessária para estudar um fenômeno. Por que?

Esta pergunta é interessante na medida em que hoje remete a uma distinção entre etnografia tradicional e etnografia virtual. É claro que a etnografia tradicional na sua praticidade se interessa pelos grupos ou comunidades em que as ações e relações sociais são físicas. Porém, hoje em dia, as relações sociais são cada vez mais tecidas no mundo virtual através das redes sociais que conectam um grande número de comunidades, portanto, muitos fenômenos sociais acontecem de modo virtual (aulas, reuniões, movimentos, manifestações...). Ademais, as plataformas virtuais de videoconferência (Google Meet, Zoom, Skype, Teams) são hoje ferramentas essenciais para condução e realização de pesquisa qualitativa, ou seja, entrevistas de alta qualidade à distância com atores ou sujeitos sociais importantes para a pesquisa. No entanto, não se trata da substituição da etnografia tradicional pela etnografia virtual ou digital (daqui para frente *netnografia*), ao contrário acreditamos que não apenas as duas podem coexistir e ser utilizadas simultaneamente, mas sobretudo a etnografia clássica já tinha proporcionado à *netnografia* técnicas, ferramentas e estratégias lhe mostrando o caminho, para que a abordagem no âmbito do mundo virtual seja mais eficaz. Estamos então em frente de uma combinação entre etnografia (método clássico) e *netnografia* (método contemporâneo), que torna os métodos de pesquisa híbridos.

Esta combinação entre a etnografia clássica e a *netnografia* encontra sua concretização na pesquisa de campo na Unicamp, pelo fato de que no terreno ela me ajudou a executar, de um lado, a etnografia tradicional: aproximação, observação, mergulho nas rotinas estudantis, 3 encontros e conversas; 13 entrevistas. Do outro lado, a parte *netnográfica* foi uma escolha estratégica para complementar a etnografia, indo atrás de pessoas relevantes para a pesquisa, mas com quem o contato físico era difícil. Assim, no Google Meet e no Zoom consegui conversar com uma professora e entrevistar dois alunos estrangeiros.

A escolha da Unicamp foi motivada por ser não apenas uma das universidades mais desejadas pelos estudantes internacionais, mas, sobretudo, pelo fato de que a universidade possui uma grande e longa tradição na questão da internacionalização universitária no Brasil (CORTÉZ e FLORES, 2016). De fato, no que diz respeito à recepção internacional dos estudantes estrangeiros - os haitianos em particular - a Unicamp se destaca pela variedade dos seus programas de integração social (moradia estudantil, bolsa de alimentação, auxílio-instalação, acompanhamento psicológico etc.), pela atenção carinhosa no acolhimento, pela qualidade dos seus serviços de orientação psicológico e social que lhes oferece etc. Ela é uma das mais preferidas pelos estudantes internacionais em termo de qualidade do ensino superior, principalmente, quando se tratar da pós-graduação, pois é o nível mais procurado no âmbito da internacionalização universitária em razão do seu caráter autônomo, da sua missão (produção de conhecimento), da sua função (pesquisa) (MOROSINI, 2006, p. 106-109) e da sua potencialidade (facilidade de emprego).

Em média, em termos de intercâmbio, a Unicamp recebe por ano mais de 100 estudantes internacionais, cuja maioria vêm da América Latina, da Ásia e da Europa. É claro que, em termos de grande quantidade de presença de estudantes internacionais e de permanência estudantil, é difícil compará-la com as universidades como a Universidade Federal pela Integração Latino-americana (UNILA) que possui 1167 estudantes estrangeiros e a Universidade da Integração da Lusofonia Afro-Brasileira (UNILAB) com 1011: somente as duas totalizam 2178 estudantes estrangeiros no Brasil inteiro. A grande maioria vem no âmbito dos programas PEC-G, PEC-PG ou PEC-PLE, instituídos pelo governo brasileiro. Mas, com a participação de 74 Instituições de Ensino Superior (IES) brasileiras, o PEC-G representa em matéria de educação superior não somente uma das portas de entrada dos alunos/as estrangeiros/as nas IES brasileiras para matricular-se nos cursos de graduação, bacharelado ou licenciatura, mas também a principal ferramenta de política externa e de apoio à internacionalização universitária do governo brasileiro. Esta soma de estudantes internacionais representa 12,96% da totalidade de 16 794<sup>1</sup> presentes atualmente no sistema educacional brasileiro (INEP, 2023). A Unicamp é membro de múltiplas redes universitárias e consórcios internacionais, os mais importantes que se destacam no domínio da mobilidade estudantil são a Asociación de Universidades Grupo Montevideo (AUGM), o Programa Escala Estudantil de Graduação (PEEG) e o Programa Escala Docente (PED) (DERI, 2023, p. 7).

Embora a Unicamp não faça parte oficialmente das universidades parceiras do Projeto Solidariedade Acadêmica da UFS, mas sua preferência se justifica também pelo fato de que eu tem escolhido estudar os estudantes haitianos do Programa em Educação Superior denominado Pró-Haiti, que, em 2011, foram recebidos pela UNICAMP e os estudantes estrangeiros na perspectiva de uma abordagem comparativa. Com efeito, ela foi a única universidade brasileira que, dentre os 89 estudantes haitianos deste programa, tem acolhido 45, sendo 50,56 % da quantidade total. Além disso, a escolha foi estimulada pela ambição de embelezar a pesquisa em andamento de uma abordagem comparativa entre estudantes haitianos e outros estudantes internacionais no que diz respeito principalmente à perspectiva de **permanência** no Brasil, de retorno ao país de origem ou de residência<sup>2</sup>, de ambições futuras. Trata-se, nesse sentido, de analisar não somente os diferentes motivos que poderiam explicar a permanência de um estudante estrangeiro no Brasil após ter concluído seus estudos - quer seja na modalidade de programa de intercâmbio ou

---

1. Este número pode ser muito maior porque, primeiro, a ausência de uma base nacional de dados de estudantes estrangeiros dificulta o acesso, segundo, atuando sob o princípio de autonomia universitária, algumas universidades possuem a competência institucional de firmar acordos de cooperação com universidades estrangeiras e de definir suas políticas internas de recepção de estudantes internacionais, sendo assim não comunicam regularmente seus dados aos órgãos competentes.

2. Uma discussão teórica e metodológica da abordagem comparativa entre estudantes haitianos e outros estudantes internacionais no que concerne a migração de retorno, as perspectivas de permanência no Brasil, as ambições do futuro será conduzida com parcimônia num próximo artigo que será publicado após este relatório. É por isso que neste relatório a ênfase é mais concentrada apenas na descrição das atividades realizadas no campo e na análise de alguns resultados parciais que dizem respeito à maneira de que os estudantes internacionais vivem e enxergam sua experiência internacional.

de convênio -, ou sua decisão de regressar à sua terra natal, sendo ciente e consciente da situação socioeconômica de lá, a fim de entender, em ambos os casos, as ambições e metas futuristas. Portanto, além das razões relevantes supra-elucidadas, a escolha da UNICAMP como campo de pesquisa se explica pelo fato de que o objetivo geral da pesquisa em andamento é a análise do programa de mobilidade estudantil em educação superior chamado Pró-Haiti como migração qualificada e migração de retorno.

Hoje, a UNICAMP conta 1030 alunos estrangeiros (especiais e regulares) matriculados na graduação e na pós-graduação, lembrando que o número de matrículas dos alunos é sempre superior ao dos matriculados, assim, são no total 1157 matrículas de estudantes estrangeiros oficialmente registradas na universidade em 2023 conforme o recente anuário da universidade (UNICAMP, 2024, p. 93-102). Infelizmente, por causa do seu caráter muito dinâmico, flexível, efêmero e transitório, o anuário estatístico não conseguiu dar conta da presença dos estudantes intercambistas. Por isso, são os estudantes regulares e especiais que dominam o relatório, pois representam a categoria mais estável do que os estudantes intercambistas cuja flexibilidade é semestral. Depois dos estudantes haitianos sobre os quais já realizei uma pesquisa qualitativa netnográfica (entrevistas semi-estruturadas) via Google Meet, Facebook e Zoom, os estudantes internacionais<sup>3</sup> da UNICAMP constituem meu segundo sujeito de pesquisa.

Assim, sendo um relatório de pesquisa, o artigo se articulará em torno de três pilares: metodológico, teórico e resultado. Com efeito, a parte metodológica começa pela descrição do plano de atividades executado na UNICAMP e se termina enfatizando as principais dificuldades que eu enfrentei durante esta experiência de campo. A segunda parte traz uma discussão teórica e conceitual sobre a diferença entre mobilidade e migração, a comparação entre estudantes estrangeiros e estudantes internacionais, a mobilidade internacional. Por fim, a terceira e última parte se concentra na análise dos resultados parciais a partir de cinco elementos: a questão do visto, os programas acadêmicos, tipo, momento e estatuto do intercâmbio, a relação entre mobilidade e empregabilidade, por fim, as ambições futuras que a mobilidade internacional conseguiu criar no espírito dos jovens estudantes estrangeiros entrevistados.

---

3. É proposta, nas páginas 26 e 27 deste artigo, uma discussão sobre o uso dos conceitos de estudante estrangeiro, estudante internacional ou estudante em mobilidade internacional. Mais abrangente, comum e genérica, a expressão de “estudante estrangeiro” pode designar estudantes estrangeiros não-residentes, residentes permanentes ou até naturalizados. Segundo a Unesco, três critérios fundamentais permitem de definir os estudantes em mobilidade internacional: os estudantes internacionais não possuem a nacionalidade do país de acolhimento, eles não são residentes permanentes e, por fim, eles têm feito seus estudos secundários fora do país que os/as acolheu. Embora interessantes, estes critérios não deixam de tornar ainda mais problemático o conceito de estudante internacional, na medida em que não se sabe se eles são cumulativos ou não (UNESCO, 2023).

# AS PRINCIPAIS ESTRATÉGIAS METODOLÓGICAS DA PESQUISA

## Descrição das atividades

Após ter tido a garantia segundo a qual alguns estudantes estrangeiros estariam dispostos, disponíveis e motivados a falar comigo e se interessariam pela minha pesquisa, eu me embarquei, no domingo 20 de outubro de 2024 às 2h40, a bordo do voo 4034 no Aeroporto de Santa Maria em Aracaju, com destinação para Campinas, onde eu desembarquei no Aeroporto de Viracopos no mesmo dia por volta das 5h30, a fim de realizar as atividades de trabalho de campo na UNICAMP conforme a descrição em baixo. O início das atividades aconteceu no dia seguinte, ou seja, em 21 de outubro de 2024, sendo seu fim previsto para o dia 27 de outubro: o mesmo dia do retorno à cidade de Aracaju.

Dia	Data	Atividade	Objetivo
Domingo	20-10-2024	Saída de Aracaju às 2h40	Realizar uma viagem de pesquisa de campo na Unicamp em Campinas.
		Chegada em Campinas por volta das 5h30	Descansar e organizar as coisas.
		Descanso, busca de contatos, organização das atividades para o dia seguinte...	Localizar e falar com as pessoas importantes pela pesquisa.
Segunda	21-10-2024	-Visita do Campus (biblioteca central, RU, DAC...) -Início dos contatos com os/as pesquisados/as -Trabalho de observação -Planejamento e agendamento das entrevistas. -Conversa com o Prof. Marcelo Knobel sobre sua experiência no programa Pro-Haiti. -Observação participante (presença no campus a partir das 7h30) -Volta ao hotel (às 21h30)	Mergulhar na rotina acadêmica como se eu fosse aluno. Começar cedo os contatos com as pessoas importantes pela pesquisa. Aproximar e abordar os alunos no campus. Encontrar e conversar com o professor sobre sua atuação no programa Pro-Haiti.
Terça	22-10-2024	-Observação participante (presença no campus a partir das 7h30) -Início das entrevistas 1º Grupo (3 alunos: Emifa, Maco e Odave) -Recepção e encontro na DERI -Volta ao hotel (às 21h30)	Encontrar e entrevistar os estudantes estrangeiros e me encontrar com um representante da DERI
Quarta	23-10-2024	-Observação participante (presença no campus a partir das 7h30) -Entrevistas: 2º Grupo (5 alunos: Macora, Maro, Carva, Almejo e Masou) -Conversa com o Prof. Omar Ribeiro sobre sua experiência no programa Pro-Haiti. -Volta ao hotel (às 21h30)	Entrevistar os estudantes estrangeiros. Conversar com o professor sobre sua participação no programa Pro-Haiti
Quinta	24-10-2024	-Observação participante (presença no campus a partir das 7h30) -Entrevistas: 3º Grupo (3 alunos: Gese, Maja, Adca) -Encontro com Zilda Aparecida da DAC, participou do programa Pro-Haiti. -Volta ao hotel (às 21h30)	Entrevistar os estudantes estrangeiros. Encontrar-me com ela para falar de Pro-Haiti.



Sexta	25-10-2024	-Observação participante (presença no campus a partir das 7h30) -Entrevistas: 4º Grupo (4 alunos: Marto, Luma, Aluquis, Sama) -Volta ao hotel (às 21h30)	Entrevistar os estudantes estrangeiros.
Sabado	26-10-2024	-Conversa com Zilda Aparecida da DAC sobre sua experiência no programa Pro-Haiti.	Encontrar e conversar a respeito do programa Pro-Haiti do qual ela participou.
Domingo	27-10-2024	Viagem de retorno a Aracaju.	Embarcar para a Aracaju.

Plano de desenvolvimento do trabalho de campo na Unicamp

Como pode-se observar na tabela acima, as negociações com a DERI permitiram de marcar um encontro com sua representante, tal encontro ocorreu no dia 22 de outubro e simbolizava uma mensagem de boas vindas ao campo da Unicamp. Vou falar mais deste encontro depois (p. 18). Foi como se ela tivesse me entregado a chave da universidade para iniciar minhas atividades. Este plano foi redigido antes da viagem e atualizado ao longo do trabalho de campo. Tudo isso permitiu que, antes da viagem, alguns contatos de alunos/as já tenham sido estabelecidos, pois a representante da DERI já tinha começado a criar o caminho para mim montando uma lista de alunos/as. O que me levou, para encontrá-los/as e entrevistá-los/as, a adotar algumas estratégias: aproximação e observação participante, observação direta ou indireta.

## Técnicas de aproximação e observação participante

É importante começar a dizer que a aproximação com o campo começou de forma virtual, ou seja, através das trocas de mensagens e conversas por e-mail e telefone com a DERI. Sua ajuda foi crucial porque me ajudou bastante a me aproximar com facilidade dos estudantes internacionais. Por isso que, assim que eu chegar na Unicamp, a primeira coisa que eu fiz era me comportar como um aluno a fim de facilitar uma aproximação física junto aos/as estudantes internacionais. Com efeito, na manhã de segunda-feira, 21 de outubro, como em todos os dias (de segunda a sexta), eu cheguei bem cedo na UNICAMP por volta das 7h30 - como se eu tivesse aula -, comecei, primeiro, a reconectar-me com o espaço que eu deixei há três anos, em seguida, comecei a abordar alguns alunos que passaram perto da Diretoria Acadêmica, mais conhecida como DAC, tudo isso antes do meu encontro com a Deri. Esta estratégia permitiu que eu cruze e encontre alguns estudantes no campus. Consegui identificar alguns como estudantes estrangeiros pelo sotaque. Embora as trocas tenham sido breves, rápidas, corridas e ordinárias, tipo: *Bom dia; bom dia. Tudo bem? Tudo. Você é estudante estrangeiro?*<sup>4</sup> *Sim, não...*, foi um momento em que eu senti, pela

4. Tal foi o tema mais comum utilizado durante as abordagens a fim de facilitar as conversas. Todavia, durante as entrevistas, foi utilizado o conceito de estudante internacional que, antes de cada entrevista, foi claramente explicado aos/as entrevistados/as.

primeira vez desde que eu não sou mais estudante da Unicamp, a dinâmica e a energia da vida estudantil. Isto é, o método de observação participante, utilizada na pesquisa no sentido malinowskiano, fez com que eu me tornasse estudante de novo e, durante sete dias, eu me mergulhei, me misturei e me familiarizei com rotina acadêmica do sistema local (MALINOWSKI, 1992).

Se em estatística e ciência de dados o método de aproximação é utilizado para estimar valores ou resolver problemas cuja exatidão seja difícil a estabelecer, por aproximação entende-se aqui os contatos preliminares após os sujeitos de pesquisa terem sido identificados e localizados. Apesar de não ser um método propriamente empregado nas ciências sociais, a aproximação - quer seja no ambiente física ou digital - representa um teste do campo, trata-se de uma relação de confiança entre o pesquisador e seu campo. Assim, a aproximação deve ser entendida aqui mais como uma estratégia do que um método. Mas, no âmbito deste trabalho de campo, recorri ao método de observação direta e indireta, de tal maneira que com este era possível ter conversas mais interessantes com os/as alunos/as internacionais para ampliar a lista de entrevistas e obter melhor percepção do fenômeno estudado.

## **Observação direta e indireta**

A primeira etapa do levantamento dos dados pela pesquisa de campo consistia em fazer uma observação direta e indireta da presença dos estudantes internacionais na UNICAMP, principalmente no campus de Barão Geraldo, onde se concentra a maior quantidade de estudantes internacionais, lembrando que, além deste campus, as atividades da universidade se estendem a dois outros campi: um em Limeira e o outro em Piracicaba. Segundo os dados da DERI, somente no segundo semestre de 2024, a UNICAMP acolheu 80 estudantes internacionais de graduação e de pós-graduação vindos da América Latina, da Europa e da Ásia, cuja maioria são latino-americanos (DERI, 2024)<sup>5</sup>.

O método de observação direta empregada aqui se inspira de alguns autores. Em primeiro lugar, a observação informal num ambiente físico proposta por Helen Simon (2011), que, em geral, se manifesta através dos gestos corporais e consiste em uma estratégia de captar o ethos e, se for necessário, interpretar mais tarde o significado dos dados (SIMONS, 2011, p. 78,79). Em segundo lugar, a observação direta do epistemólogo húngaro, Imre Lakatos (1983), também chamada observação assimétrica, espontânea ou ocasional, esta ajuda, segundo o autor, a detectar os comportamentos naturais dos sujeitos (LAKATOS, 1983). Com isso, se concretizaram ao mesmo tempo a montagem de uma lista de alunos/as a partir dos contatos (email, telefone, Whatsapp...) que a representante da DERI já tinha me passado, e uma abordagem amigável com os/as alunos/as a partir das trocas informais, das conversas espontâneas, simples, leves e livres sem que seja necessário o emprego de

5. Dados acessíveis no site da instituição: <https://unicamp.br/noticias/2024/07/31/diretoria-de-relacoes-internacionais-recepciona-novo-grupo-de-estudantes-estrangeiros/>. Último acesso: 25-11-2024.

quaisquer técnica, força, planejamento ou controle. Parafraseando Fernandez Ballesteros (1996), trata-se de observar os comportamentos, as atitudes e os acontecimentos, de conectar-se com o campo, de estabelecer com os sujeitos da pesquisa um contato preliminar, de começar a familiarizar-se com eles (FERNANDEZ BALLESTEROS, 1996), enfim, de sentir o cheiro do campo a fim de descobrir o que ele tem a oferecer.

Do outro lado, no que diz respeito à observação indireta da presença dos estudantes internacionais neste campus, ela se tem feito com apoio de lista de nomes, documentos, registro, ficheiros etc., que a DERI já tinha me passado sobre a dinâmica da mobilidade estudantil. De fato, tal observação facilitou o acesso às informações cuja obtenção seria difícil ou impossível através da observação direta, das entrevistas ou do formulário. Assim, ambas as observações se entrelaçam e se completam e, no âmbito desta pesquisa, elas foram feitas simultaneamente por falta de tempo. Elas ajudaram a ter algumas ideias preliminares sobre a pontualidade dos estudantes internacionais, sua convivência no campus, sua relação com seu ambiente universitário, com a alimentação, com a DERI etc. As observações - direta e indireta - me levaram à abordar, no total, 25 alunos/as, sendo 14 mulheres e 11 homens conforme a tabela 1 a seguir. Após ter trocado algumas mensagens via Whatsapp e e-mails com alguns, consegui finalmente marcar 15 entrevistas que foram efetivamente realizadas. Os outros, infelizmente, nunca me retornaram as mensagens apesar das insistências. Nesta tabela assim como nos outros dados apresentados neste relatório, eu recorri ao uso do sistema de pseudônimo, a fim de não revelar os verdadeiros nomes dos/as pesquisados/as sem sua autorização, de preservar sua identidade e de proteger seus direitos.

PSEUDÔNIMO	PAIS DE ORIGEM	CIDADE ONDE MORA	CURSO	GÊNERO	IDADE	ESTATUTO CIVIL	UNIDADE DE ENSINO
1. Adca	Venezuela	Campinas	Geografia	F	36	Solteira	IG <sup>6</sup>
2. Almejo	Moçambique	Campinas/Barao	Engenharia agrícola	F	33	Casada	FEA
3. Aluquis	Peru	Campinas/Barao	Quimica	F	30	Solteira	IQ
4. Carva	Peru	Campinas/Barao	Engenharia química	M	19	Solteiro	FEQ
5. Emifa	Ecuador	Campinas/Barao	Engenharia química	M	30	Solteiro	FEQ
6. Gese	Peru	Campinas/Barao	Engenharia de producao	M	20	Solteiro	FEA
7. Luma	Moçambique	Campinas/Barao	Geografia	M	39	Casado	IG
8. Masou	Guatemala	Campinas/Barão	estudo de musica	F	23	Solteira	IA
9. Maco	Peru	Yukutu, Peru	engenharia ambiental	M	28	Solteiro	FEA

6. Uma definição de cada sigla se encontra no Anexo I deste relatório.

10. Marto	Moçambique	Campinas/ Barão	Engenharia de alimentos	F	27	Solteira	FEA
11. Maro	Mexico	Campinas/ Barao	ciências sociais	F	47	Uniao estavel	IFCH
12. Macora	Portugal	Campinas	Letras	F	21	Solteira	IEL
13. Maja	Ecuador	Campinas/ Barao	saúde coletiva	F	26	Solteira	FCM
14. Sama	Peru	Peru, Lima	Quimica	F	26	Solteira	IQ
15. Odave	Ecuador	Campinas/ Barão Geraldo	Engenharia mecatrônica	M	34	Solteiro	FEM
Lois	Bolivia	Campinas/ Barão Geraldo	Filosofia	M	33	Solteiro	IFCH
Cam	Portugal	Campinas/ Barão Geraldo	economia	F	37	Divorciada	IE
Amena	Colombia	Campinas/ Barão Geraldo	Biologia	F	30	Solteira	IB
Reyu	USA	Campinas/ Barão Geraldo	Fisica	M	28	Solteiro	IFGW
Malou	Mexico	Campinas/ Barão Geraldo	Biologia molecular	F	31	Solteira	IB
Lemou	Paraguai	Campinas/ Barão Geraldo	Computação	M	32	Solteiro	IC
Solane	Bolivia	Campinas/ Barão Geraldo	Quimica	F	33	Solteira	IQ
Bereu	Republica Dominicana	Campinas/ Barão Geraldo	Matemática	F	27	Solteira	IMECC
Colisso	Guinee Bissau	Campinas/ Barão Geraldo	Engenharia eletrica	M	30	Solteiro	FEEC
Lamene	Cabo Verde	Campinas/ Barão Geraldo	Engenharia civil	M	25	Solteiro	FECAU

Tabela 1. Lista completa dos estudantes estrangeiros/as abordados na Universidade Estadual de Campinas (Unicamp) / Campus Barão Geraldo

Criada pelo autor a partir dos dados coletados na Unicamp.

O que justifica a observação direta ou indireta num trabalho de campo é a ideia de construir uma melhor representação e ter uma primeira impressão do grupo ou do fenômeno a investigar. Na observação - direta ou indireta - dos estudantes internacionais da UNICAMP, percebi neles, do ponto de vista geral, uma admiração pelo Brasil, pela sua cultura, pelo seu idioma e pela alta qualidade do seu ensino superior.. Mas, do ponto de vista pessoal, eu podia ler nos seus rostos sua felicidade e seu orgulho de estudar na segunda melhor universidade do Brasil e da América Latina (THE, 2024).

Diferentemente dos estudantes Haitianos que eu consegui aproximar de maneira totalmente digital utilizando outros modelos de estratégias de abordagens: o método netnográfico, a pesquisa sobre os estudantes internacionais em situação de mobilidade acadêmica internacional na UNICAMP exigia minha presença física e constante no campo. Com efeito, primeiro, não conhecia antes nenhum dos estudantes internacionais

abordados/as ou entrevistados/as, enquanto que a maioria dos estudantes haitianos era meus colegas e amigos, principalmente, no curso de português desde 2011. Em segundo lugar, apesar do meu egresso da UNICAMP eu mantive contato pelo Facebook, depois pelo Whatsapp, com muitos dentre eles, portanto, era mais fácil relocalizá-los por esta rede social do que no campus, já que, como eu, muitos já se tornaram alunos egressantes, o que era totalmente diferente no caso dos estudantes internacionais. Por fim, em terceiro lugar, sem uma rede de contatos anterior, era difícil - até impossível - reagrupar os estudantes internacionais num ambiente virtual a fim de coletar dados qualitativos sobre eles, como eu fiz com os estudantes haitianos. (Re)conectar-me com o terreno da Unicamp, sentir seu calor, poder abraçar cada um dos/as pesquisados/as, olhá-los nos olhos, apertar suas mãos, enfim, poder observar cada gesto físico deles/as são alguma sensação que eu precisava recuperar desde meu último trabalho de campo em Cite Soleil em 2017. Assim, não somente do ponto de vista pessoal o trabalho de campo na UNICAMP foi um grande momento para matar algumas saudades desde que eu deixei Barão Geraldo, mas sobretudo tornou as expectativas dos contatos com os estudantes internacionais cada vez mais ansiosas, instigantes, interessantes, emocionantes, motivadores e impacientes.

## Amostragem

Desde início, a categoria pela qual eu me interessei para a pesquisa de campo é os estudantes internacionais. E, como a Unicamp possui dois outros campi em outras cidades (Limeira e Piracicaba), o de Campinas em Barão Geraldo era minha preocupação em razão do fato de que lá existe a maior concentração de estudantes internacionais<sup>7</sup>. Ter acesso a toda essa população para estudar o fenômeno da mobilidade internacional seria não apenas difícil - até impossível -, mas sobretudo desnecessário. Por isso, eu recorri ao método de amostra, que é um subconjunto (grupo pequeno de estudantes estrangeiros) dentro de um conjunto global (1157 estudantes internacionais). Levando em conta a restrição de tempo - sete dias eram largamente insuficientes por uma pesquisa de tal envergadura -, a dinamicidade das atividades na universidade, da disponibilidade dos alunos/as, do contexto da universidade (momento coincidente com o acontecimento da Anpocs, depois, uma greve de funcionários), uma amostra de 15 alunos pode ser largamente considerável, pois trata-se de uma amostra puramente intencional.

No campo, eu trabalhei de manhã até a noite como foi explicitado no plano de trabalho (p. 7,8). Existe alguns alunos que eu encontrei duas vezes e outros só uma vez. A cada encontro ou entrevista, além de falar dos objetivos da pesquisa e de lhes apresentar o projeto e subprojeto, às vezes eu tive que explicar aos estudantes internacionais a distinção que a UNESCO faz entre estudantes estrangeiros e estudantes internacionais. Confesso que foi o campo que determinou esta estratégia, não prevista antes, por isso uma reflexão sobre o assunto será proposta no âmbito deste relatório (p. 27, 28). Todavia, como veremos, na coleta dos dados qualitativos, eu entrevistei as duas categorias.

7. Para saber mais sobre a organização das unidades de ensino da UNICAMP, consulte o site: [https://unicamp.br/faculdades-e-institutos/#:~:text=Al%C3%A9m%20de%20Campinas%2C%20as%20instala%C3%A7%C3%B5es,Faculdade%20de%20Tecnologia%20\(FT\)](https://unicamp.br/faculdades-e-institutos/#:~:text=Al%C3%A9m%20de%20Campinas%2C%20as%20instala%C3%A7%C3%B5es,Faculdade%20de%20Tecnologia%20(FT).). Último acesso em 04-12-2024.

## Metodologia qualitativa

### A. Entrevistas semi-estruturadas

A segunda etapa do trabalho de campo, a saber as entrevistas, não teria sido possível sem a primeira, ou seja, sem a aproximação, a observação participante, a observação direta e indireta para a constituição final de uma lista - sempre modificável - de alunos/as estrangeiros/as para a realização das entrevistas semi-estruturadas individuais. Para conduzir e organizar melhor as conversas com os/as pesquisados/as durante as entrevistas, utilizei um formulário que eu deixei disponível online no *Google Forms*, como segunda alternativa caso a entrevista (presencial ou virtual) não seja possível com os/as alunos/as cuja disponibilidade seria difícil, embora devamos admitir que este procedimento produz, em geral, um retorno de respostas muito mais baixo do que as entrevistas presenciais ou virtuais.

As entrevistas com os estudantes internacionais foram feitas de maneira individual, tanto no modo presencial quanto digital. Com efeito, houve 11 entrevistas presenciais, que aconteceram numa das salas de estudo (individual e/ou coletivo) da Biblioteca Octávio Ianni do Instituto de Filosofia e Ciências Humanas (IFCH) da UNICAMP. Esta biblioteca possui oito salas deste tipo. Quanto às outras 4 entrevistas, elas aconteceram no modo virtual, pois estes estudantes, embora presentes no campus, apesar da sua motivação e sua boa vontade, tinham problema de tempo e de disponibilidade por causa de conflito de horário com suas aulas e de outros compromissos. Assim, como eles não podiam comparecer fisicamente à sua entrevista presencial e para não perder a oportunidade, utilizei a estratégia de entrevista virtual. Estas dificuldades tendem a mostrar que eu cheguei num período super dinâmico e corrido em termos de atividades acadêmicas.

As solicitações de entrevistas - presencial ou digital<sup>8</sup> - foram enviadas por Whatsapp e por e-mail, mas o agendamento e a realização das entrevistas virtuais foram feitos na plataforma Zoom. Quer seja no modo físico ou no modo digital, a ideia central das entrevistas era levantar dados qualitativos sobre os estudantes internacionais em três níveis. Primeiro, sua rotina acadêmica, vida social e econômica antes de vir ao Brasil, segundo, sua experiência acadêmica durante sua formação no Brasil: o que gostam e o que não gostam; terceiro, as perspectivas futuras: permanência ou retorno. Trata-se de três partes fundamentais - constituídas de outras perguntas - que permitiram de conduzir as entrevistas e de ter uma ideia mais panorâmica da vida socioeconômica, do sentimento de satisfação ou decepção do/a aluno/a e do seu processo de adaptação à sua nova experiência acadêmica internacional no Brasil. Cada vez que eu tive a ocasião no âmbito do trabalho de campo sobre a mobilidade estudantil dos estudantes estrangeiros, aos/às entrevistados/as eu apresento o projeto em si, o Edital Solidariedade Acadêmica da CAPES, o sub-projeto e seus objetivos (principais e secundários). Além disso, eu lhes explico a razão da pesquisa de campo, da escolha do sujeito e do campo, usando de maneira intercambiável o conceito de estudante internacional e estudante estrangeiro,

---

8. Ao invés do termo de entrevista não presencial que usou Simons (2009, p. 72-74) para designar as entrevistas que se fazem por correio e suas vantagens, eu prefiro o termo de entrevista digital ou virtual que carrega todas as características do mundo digital e do uso das novas tecnologias de comunicação, de conversação e de encontro: Facebook, Whatsapp, Zoom, Google Meet, Teams, Skype etc., no âmbito da etnografia.

mesmo que o primeiro pareça ser mais compreensível. Se as entrevistas começaram a partir da terça-feira, 22 de outubro de 2024, elas terminaram na sexta-feira, 25 de outubro de 2024. Além dos outros trabalhos e compromissos, fiz, em média, três entrevistas por dia com uma duração superior a sessenta minutos cada. Assim, praticamente, as entrevistas foram feitas durante quatro dias consecutivos e de maneira intensiva.

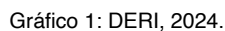
Como podemos ver na tabela 2 em baixo, dentre os/as 15 estudantes entrevistados/as (9 mulheres e 6 homens), só dois por razão de termino do intercâmbio se encontravam fora do território brasileiro no momento das entrevistas, porque estes já tinham retornado ao seu país de origem que é o Peru. Com efeito, com 5/15 o Peru é o país que possui a maior percentual da minha pesquisa, em seguida vêm o Equador (3/15) e o Moçambique (3/15), respectivamente. Além disso, tem-se uma população de estudantes estrangeiros muito jovem e solteira.

PSEUDÔNIMO	PAIS DE ORIGEM	CIDADE ONDE MORA	CURSO	GÊNERO	IDADE	ESTATUTO CIVIL	UNIDADE DE ENSINO
1. Adca	Venezuela	Campinas	Geografia	F	36	Solteira	IG
2. Almejo	Moçambique	Campinas/Barao	Engenharia agricola	F	33	Casada	FEA
3. Aluquis	Peru	Campinas/Barao	Quimica	F	30	Solteira	IQ
4. Carva	Peru	Campinas/Barao	Engenharia química	M	19	Solteiro	FEQ
5. Emifa	Ecuador	Campinas/Barao	Engenharia química	M	30	Solteiro	FEQ
6. Gese	Peru	Campinas/Barao	Engenharia de producao	M	20	Solteiro	FEA
7. Luma	Moçambique	Campinas/Barao	Geografia	M	39	Casado	IG
8. Masou	Guatemala	Campinas/Barão	estudo de musica	F	23	Solteira	IA
9. Maco	Peru	Yukutu, Peru	engenharia ambiental	M	28	Solteiro	FEA
10. Marto	Moçambique	Campinas/Barão	Engenharia de alimentos	F	27	Solteira	FEA
11. Maro	Mexico	Campinas/Barao	ciências sociais	F	47	Uniao estavel	IFCH
12. Macora	Portugal	Campinas	Letras	F	21	Solteira	IEL
13. Maja	Ecuador	Campinas/Barao	saúde coletiva	F	26	Solteira	FCM
14. Sama	Peru	Peru, Lima	Quimica	F	26	Solteira	IQ
15. Odave	Ecuador	Campinas/Barão Geraldo	Engenharia mecatrônica	M	34	Solteiro	FEM

Tabela 2. Lista completa dos estudantes estrangeiros/as entrevistados/as na Universidade Estadual de Campinas (Unicamp) / Campus Barão Geraldo

Tabela 2: Criada pelo autor a partir dos dados coletados na Unicamp.

Distribuição de Estudantes Estrangeiros Matriculados na Unicamp por País - Período 2019 a 2023



**Gênero e estatuto civil dos estudantes internacionais entrevistados/as na Unicamp**





Lendo o gráfico 3 em baixo, é possível identificar que meus encontros na UNICAMP aconteceram com três categorias de estudantes internacionais: estudantes especiais (1), estudantes regulares (7), estudantes intercambistas (7). Todavia, na UNICAMP não existe apenas estes três tipos, há vários outros tipos de estudantes estrangeiros e diferentes programas de ingresso dos mesmos<sup>9</sup>, entre os quais posso lembrar: estudantes PEC-G e PEC-PG<sup>10</sup>, estudantes refugiados, estudantes em duplo diploma, estudantes em cotutela etc.



Gráfico 3: Construído pelo autor a partir dos dados levantados na Unicamp.

Com uma faixa etária que varia de 30 a 40 anos, a população dos estudantes internacionais encontrada na Unicamp é muito jovem: a maioria (8) tem menos que trinta anos, enquanto seis (6) estão entre 30 e 39 anos; só uma pessoa está na faixa de 40. No que diz respeito ao nível acadêmico, a grande maioria (9) está na graduação em diversos cursos, há dois (2) pós-doutorandos, dois (2) doutorandos e dois (2) mestrandos<sup>11</sup> (gráfico 4).



Gráfico 4: Construído pelo autor a partir dos dados levantados na Unicamp.

9. Mais informações podem ser obtidas neste site: <https://internationaloffice.unicamp.br/estrangeiros/estudantes-es-trangeiros/formas-de-ingresso/#PROGRAMAS-DE-P%C3%93S-GRADUA%C3%87%C3%83O>. Último acesso em 2/12/2024

10. São programas do governo brasileiro dos quais participam o Ministério da educação (MEC) e o Ministério das relações exteriores (MRE). Mais informações podem ser encontradas no site: <https://www.gov.br/mre/pt-br/assuntos/cultura-e-educacao/temas-educacionais/programas-de-estudo-para-estrangeiros/pec-g/sobre#normas>. Último acesso em 03/12/2024.

11. Portanto, esta lista não leva em consideração pesquisadores estrangeiros, professores estrangeiros e professores visitantes. Os dois pós-doutorandos da lista residem de maneira permanente no Brasil: um veio pela reunião familiar e a outra, de origem venezuelana, já possui a naturalização brasileira.

Como pode-se ver, o gráfico 3 acima segue a mesma lógica de categorização proposta pela DERI que subdivide os estudantes estrangeiros em três categorias: regulares, especiais e intercambistas. Em primeiro lugar, existe 1426 estudantes estrangeiros regulares, matriculados no nível de graduação e pós-graduação (mestrado e doutorado) e que representam, de 2019 a 2023, 45,7% dos estudantes internacionais (DERI, 2023). Na leitura da Unesco, esta categoria envolve mais estudantes estrangeiros/as em situação regular com um *cursus* regular que os/as em mobilidade acadêmica internacional e, sem distinção de ser residente ou não-residente, um estudante estrangeiro é todo indivíduo não nacional que estuda num programa de ensino superior (UNESCO, 2015).

Em segundo lugar, vêm os estudantes estrangeiros especiais<sup>12</sup> que totalizam 1286 pelo mesmo período e cursam disciplinas isoladas na graduação e na pós-graduação (DERI, 2023). Alguns estudantes especiais podem estar em fase de se tornarem alunos/as regulares, portanto este número merece ser tomado com muito cuidado. Os estudantes especiais não são indicados pela sua instituição universitária de origem que, na maioria das vezes, não possui acordo com a UNICAMP. Nesta categoria, além dos estudantes estrangeiros, podemos encontrar também estudantes brasileiros/as.

Por fim, em terceiro lugar, temos os estudantes intercambistas: são aqueles que chegam no âmbito de um convênio entre sua instituição universitária do país de origem ou de residência permanente e a UNICAMP para cursar algumas disciplinas durante um semestre (seis meses ou quinze semanas no máximo). Como aponta o gráfico 4 em baixo, os 405 estudantes intercambistas, nomeados pelas universidades com as quais a UNICAMP possui convênio, representam apenas 13% do total dos estudantes estrangeiros matriculados na universidade (DERI, 2023). Além disso, segundo a Deri, existe dois tipos de intercambistas: aqueles/as que vêm com o objetivo de estudar e aqueles/as que se dedicam ao estágio ou à pesquisa<sup>13</sup>. No gráfico 5 em baixo, é possível constatar a dominação dos estudantes regulares e a sub-representação dos/as estudantes intercambistas em relação aos estudantes especiais.

---

12. Para uma definição mais elaborada de estudante especial, para entender as regras e critérios de ser um, consulte o site: <https://internationaloffice.unicamp.br/estrangeiros/estudantes-estrangeiros/formas-de-ingresso/>. Último acesso em 26-11-2024.

13. Para mais informação sobre o assunto, consulte o site: <https://internationaloffice.unicamp.br/estudante-intercambista-para-estagio-pesquisa/>. Último acesso em 27-11-2024.

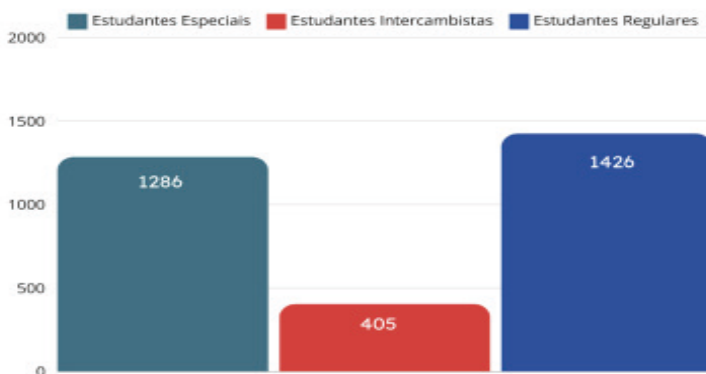


Gráfico 5: Distribuição de estudantes estrangeiros matriculados na Unicamp por tipo de vínculo - Período de 2019 a 2023

Gráfico 5: DERI, 2024.

Em regra geral, esta última categoria de alunos/as, a saber os/as intercambistas, é compelida de voltar ao seu país de origem ou de residência após a formação, senão não somente eles/as correriam o risco de perder a bolsa e outras vantagens, mas sobretudo com o visto de estudante vencido - geralmente válido para esta categoria por seis ou doze meses e renovável pelo mesmo período somente com a comprovação de vínculo acadêmico - eles/as estariam expostos/as a uma situação irregular no Brasil. É o que explica a razão pela qual os dois pesquisados na tabela acima tinham que voltar ao Peru depois de terem completado seu intercâmbio no território brasileiro: eles compartilharam sua experiência acadêmica no Brasil comigo enquanto estivessem lá, pois seu retorno ao seu país foi anterior ao início das entrevistas. Além disso, é precioso mencionar que no momento do trabalho de campo, três outros estavam prestes a terminar seu intercâmbio. Na perspectiva teórica, os/as alunos/as intercambistas representariam a categoria que mais corresponde, conceitualmente, ao fenômeno de mobilidade internacional ou à expressão de mobilidade estudantil (VIDEIRA, 2013; TERRIER, 2009).

Um estudante em mobilidade internacional, segundo a definição proposta pela UNESCO, é aquele indivíduo que ultrapassa a fronteira entre dois países no objetivo de participar das atividades educativas no país de destino, quando este é diferente do país de origem (UNESCO, 2015). Se olharmos mais por perto esta definição, ela leva em consideração a categoria mais importante dos estudantes internacionais, ou seja, aqueles/as cujo corpo físico ultrapassa uma fronteira. Além disso, ela enfatiza os/as estudantes inscritos/as numa universidade na meta de obter um diploma superior, de tal maneira que o período de estudo vai de um a sete anos. Esta duração não concerne os/as estudantes em mobilidade de diploma, em mobilidade de crédito ou estudantes estrangeiros com residência permanente<sup>14</sup>.

14. Consulte o site: <https://www.migrationdataportal.org/fr/themes/etudiants-internationaux>, a fim de obter mais detalhes

Além de entrevistar os/as estudantes internacionais, uma outra parte importante neste trabalho de campo foi os encontros e as conversas com cinco pessoas: três professores e duas personalidades institucionais, sendo quatro no modo presencial e apenas um no modo virtual pelo Google Meet. Nesta parte, explicarei brevemente como foram esses encontros, primeiro, com os três professores, segundo, com a ex-funcionária dos assuntos acadêmicos e, terceiro, com a representante institucional da DERI.

Para começar, dentre os três professores, há uma mulher e dois homens. Além de serem professores da UNICAMP, o ponto comum entre os três é a experiência e a atuação de cada um/a no programa Pró-Haiti. Com a Eliana Amaral, professora titular de obstetrícia, a conversa ocorreu no Google Meet e antes da minha viagem para Campinas. Foram abordadas - entre várias questões - as referentes à inclusão social, à moradia, à raça e cor, ao acolhimento dos estudantes haitianos na Unicamp, ao sistema de cotas. Na época da implementação do programa, ela era Assessora na Pró-reitoria de graduação e seu papel principal era gerar os projetos dos ministérios, particularmente, os relacionados à CAPES ou ao governo federal, inclusive o Pró-Haiti que era diretamente ligado à CAPES. Além disso, ela ajudava na organização da lista dos estudantes e na orientação dos/as alunos/as à unidade de ensino que corresponde melhor ao seu histórico escolar. Era fundamental e importante ouvi-la contar e compartilhar sua própria história, sua experiência e sua participação do programa, tal experiência tão desafiadora lhe ajudou não apenas a abordar outros problemas mais complexos, mas sobretudo a entender melhor o sistema educacional haitiano.

Quanto aos dois professores, um é físico e o outro antropólogo, especialista dos estudos sobre o Haiti. Com efeito, no dia 23 de outubro de 2024, eu fui recebido na casa do professor e antropólogo Omar Ribeiro em Barão Geraldo, que participou da concepção, criação e redação do projeto que ia criar o programa Pró-Haiti. Ele estava no Haiti durante o terremoto e presenciou a gravidade da catástrofe natural principalmente sobre o sistema universitário haitiano. Portanto, ele era um dos raros brasileiros a entender melhor as necessidades do Haiti em matéria de educação superior. Assim que ele voltar ao Brasil, ele tem proposto o projeto que escreveu com outros colegas aos responsáveis da CAPES e da UNICAMP. Pode-se dizer que a iniciativa tomada pelo governo brasileiro de ajudar o Haiti no setor educativo foi tomada sob a influência, persistência e insistência deste professor, que nunca esconde sua admiração pela cultura, literatura, música e arte haitianas. Dito de outra maneira, se não fosse ele, talvez, este projeto nunca teria nascido.

Enfim, o terceiro professor que eu o encontrei, em 21 de outubro de 2024, na sua sala no Instituto de Física, foi o ex-reitor da UNICAMP (2017-2021), Marcelo Knobel. Foi ele que ajudou bastante na implementação, materialização e concretização do projeto Pró-Haiti na universidade. Na época, ele era pró-reitor da graduação. Durante minha conversa com ele, foram abordados aspectos sociais do programa (moradia, presença de estudantes sobre o assunto. Último acesso em 27-11-2024.

negros na UNICAMP, alimentação, integração etc), assuntos institucionais e burocráticos do programa que, na época, me eram incompreensíveis. Ele me ajudou a entender melhor como os estudantes haitianos conseguiram se tornar estudantes regulares, enquanto que eles vieram só para passar três semestres (18 meses).

Em segundo lugar, sobre o mesmo assunto que concerne o programa Pró-Haiti, eu tive uma longa, frutuosa e rica conversa com uma ex-funcionária da Direção Acadêmica (DAC) da UNICAMP, Zilda Aparecida. Apesar dos seus múltiplos compromissos pessoais e sanitárias, para que esta conversa ocorra, ela aceitou me receber afetuosamente na linda sala da sua casa, no sábado 26 de outubro de 2024, um dia antes de me embarcar no voo de retorno ao Aracaju. Ela se aposentou em 2021, mas na época da concretização do programa - entre 2011 e 2013 -, ela era Assessora dos assuntos acadêmicos da DAC. Neste programa, ela foi uma enorme ajuda para os estudantes haitianos que precisavam entender o funcionamento da DAC (escolha de disciplina, matrícula...), encontrar e conversar com o coordenador do curso, escolher suas disciplinas, renovar seus vistos, sanar suas duvidas etc. Com ela, o objetivo principal da conversa era compreender os procedimentos acadêmicos da matrícula dos estudantes haitianos, como eles passam de alunos especiais num primeiro tempo para alunos regulares num segundo. Os objetivos secundários eram, de um lado, entender a inscrição e aprovação de alguns alunos no PEC-G e outros no PEC-PG, descobrir como foram tratados os dossiês acadêmicos, sobretudo os dos alunos que quiseram fazer o mestrado, do outro. Além da conversa, ela me mandou alguns documentos interessantes que ajudam na compreensão aprofundada de vários aspectos institucionais referentes ao programa.

Enfim, em terceiro lugar, no dia 22 de outubro de 2024, eu fui carinhosamente bem recebido numa sala retangular da Diretoria Executiva de Relações Internacionais (DERI) pela representante Ana Paula, que é também Coordenadora de Mobilidade Internacional. Na verdade, eu deveria ser recebido pelo professor Alfredo, mas infelizmente ele tinha um imprevisto de última hora e, finalmente, foi a coordenadora que assumiu a visita. Assim como em todas as conversas anteriores e as entrevistas semi-estruturadas, a conversa com a DERI começou pela apresentação do projeto inicial: Mobilidade internacional, direitos humanos e ensino superior enfatizando o Edital Solidariedade Acadêmica da CAPES, em seguida falei do sub-projeto e dos seus objetivos (principais e secundários), da razão da pesquisa de campo na UNICAMP. No momento em que a representante da DERI estava me apresentando a instituição, seus objetivos, suas ações, suas funções e suas relações com outras universidades ou redes universitárias na escala internacional, eu fiz algumas perguntas sobre a relação que a instituição tece com os alunos antes, durante e depois da sua formação. Depois da visita, eu e ela continuamos nossas conversas por Whatsapp e foi neste aplicativo que ela deu continuidade na ajuda que estava me oferecendo mandando-me, pouco a pouco, nomes de estudantes estrangeiros/as interessados/as pela minha pesquisa. Sem o precioso auxílio dela, teria sido difícil reunir uma quantidade razoável de pesquisados/as. Foi um momento super prazeroso, agradável e rico em aprendizagens e trocas de conhecimentos.

## **Desafios e dificuldades do trabalho de campo: pressão interna e externa**

Eu gostaria de concluir esta parte metodológica enfatizando os principais desafios que eu tive que enfrentar na execução deste trabalho de campo.

Com efeito, realizado num contexto muito corrido e intensivo, de muita pressão, de dificuldade intensa a encontrar os/as estudantes e a agendar com eles/as as entrevistas, o trabalho de campo na UNICAMP exigia dinamismo, pragmatismo, objetividade, rapidez e determinação para trabalhar num ambiente de alta velocidade e de muitos desafios que ela representa. Enfrentei algumas dificuldades que eu gostaria de compartilhar aqui em dois tipos: pressão interna e pressão externa. A pressão interna se explica, principalmente, pela restrição de tempo: oito dias (de 20 a 27 de outubro) eram, evidentemente, largamente insuficientes para realizar um trabalho de uma tal envergadura. Se no total trata-se de oito dias corridos, mas na prática são cinco dias úteis. Portanto, meu tempo era muito curto para não somente encontrar mais pessoas, fazer pesquisa documental, observar e explorar de maneira mais aprofundada a convivência dos alunos/as no Campus, mas, sobretudo, para mergulhar-me e misturar-me nas atividades artísticas, sociais, culturais, musicais, das quais participavam os/as alunos/as. Assim, além de enfrentar uma greve dos funcionários, eu tive que lidar também com a situação particular de cada aluno: indisponibilidade, atrasos longos, cancelamento de última hora, ausência sem aviso etc. O que se refere à pressão externa.

Por pressão externa entende-se então as maneiras de comportar-me em face de tudo o que não depende da minha vontade, ou seja, tudo o que envolve os/as estudantes internacionais a serem entrevistados/as: tempo, caráter, atitude, temperamento, disponibilidade, disposição, emoção, desprezo, pontualidade, ausência, atrasos etc. Em geral, no mês de outubro - rota para o fim do ano, natal, recesso, férias, viagens - a frequência dos/as alunos/as na universidade começou a diminuir e se tornou cada vez mais baixa em comparação aos períodos de alta atividade, por exemplo, no primeiro semestre (a partir de abril) ou no segundo semestre em agosto. Assim, se tornou cada vez mais difícil reunir um número maior de alunos. Eu precisava superar também todos esses obstáculos.

No entanto, um evento excepcional, a 48ª edição da Anpocs, fez com que a frequência e a presença dos estudantes - brasileiros e estrangeiros - fossem favoráveis à realização do trabalho de campo, pois muitos dentre os/as pesquisados/as participavam também deste evento. Portanto, apesar de tudo, o mês de outubro era melhor para realizar o trabalho de campo e foi uma escolha estrategicamente inteligente por causa da intensidade das atividades acadêmicas, mas também arriscada em razão da sua proximidade com o fim do ano letivo e sua coabitação com outros eventos. Felizmente, com apoio de muitas pessoas já citada neste relatório, graças a minha dedicação em tempo integral, minha disciplina e determinação, consegui executar as tarefas essenciais em pouco tempo.

## DISCUSSÃO TEÓRICA SOBRE MIGRAÇÃO, MOBILIDADE E ESTUDANTE ESTRANGEIRO OU INTERNACIONAL

Par começar, deve-se perguntar o que se entende pela expressão mobilidade e em que sentido ela se diferencia de migração? Primeiro, não existe uma grande fronteira entre mobilidade e migração. Entre os dois, trata-se somente de uma questão de nuance e de comportamento da pessoa que imigra. É o que veremos nesta parte.

### Migração: tentativa de definição conceitual e teórica

É evidente que a migração - seja ela percebida em escala regional, nacional ou internacional - é um fenômeno complexo de ser definido. Esta complexidade se explica, em primeiro lugar, pelo fato de que a migração coloca em cena uma quantidade inesperada, infinita e incalculável de situações mistas, de causas e de consequências contínuas. Em segundo lugar, não faz sentido tentar uma teoria geral de migrações se, de um lado, o fenômeno em si não faz unanimidade entre os pesquisadores, se a migração permanece um fenômeno contínuo, repetitivo, inflexível e dinâmico (PEIXOTO, 1998), do outro. O sociólogo argelino, Abdelmalek Sayad, tentou simplificar a situação resumindo o fenômeno migratório à uma questão de trabalho, portanto um fenômeno social (SAYAD, 1991). Porém, em terceiro lugar, as definições polêmicas e divergentes, portanto não consensuais, fazem da migração um campo de estudo minado, mas rico e em constante movimento. Mas, como todo fenômeno social, a migração abraça consigo mesmo diversos elementos (político, econômico, diplomático, acadêmico, profissional...), ou seja, a migração não é e nunca será um fenômeno isolado. Apesar desta ausência de consenso e desta complexidade, vou tentar uma definição do conceito de migração a partir de quatro paradigmas: temporal, espacial, social e político.

Com efeito, uma grande variedade de autores sublinha as migrações como uma deslocação de seres humanos no espaço e no tempo. De pequenas ou grandes distâncias, de um curto ou longo período de tempo, esta mobilidade provoca em muitas ocasiões uma mudança de residência. É nesse sentido que, ao priorizar o aspecto espacial, Everett Lee (1966) define as migrações como toda espécie de movimentos que tem a ver com a mudança de residência permanente ou semi-permanente. Para o autor, a distância não é um critério avaliativo, pois na sua análise a migração pode ser só uma simples mudança de habitação dentro de um mesmo bairro, ou a mudança de habitação num outro país (LEE, 1966, p. 49).

A definição de William Petersen (1968) parece ser um pouco mais restrita do que a de Lee, na medida em que define a migração como um movimento relativamente permanente de pessoas ao longo de uma distância significativa, cujo tempo mínimo de permanência não pode ser inferior a um ano. Se for, esse movimento deverá ser categorizado como uma visita, além disso, se a distância for pouco significativa, é possível ter outros variáveis, nomeadamente geográficos e sociais (PETERSEN, 1968, p. 286-287).

Na definição das Nações Unidas, a migração é entendida como uma mudança de espaços político-administrativos com alguma duração, esta implica por conseguinte uma alteração de residência e permite uma distinção entre migrações e outras formas de mobilidade que não têm essa característica de mudança de residência. Assim, para a ONU, um migrante é toda pessoa que, ao ir para outro país, muda a sua residência habitual (UN, 1998, p. 17).

Porém, duração do movimento e distância percorrida são variáveis ainda insuficientes para compreender o fenômeno migratório na sua plenitude toda. Precisamos ir um pouco mais longe. A variável social pode, nesse sentido, ajudar a completar as duas primeiras definições supracitadas. Para isso, nós referimo-nos a John Jackson (1991). Segundo o autor, transição social, ruptura de antigas relações sociais, construção de novas relações sociais, mudança de estatuto, são elementos importantes para compreender a dimensão social da migração. Ao reunir as variáveis tempo, espaço e sociabilidade numa mesma definição, o autor propõe uma tripla dimensão da realidade migratória:

Em primeiro lugar teremos que encarar a migração como [...] uma marcada movimentação através de uma fronteira administrativa bem definida [...]. Em segundo lugar, a migração terá de ser um fenômeno contínuo dentro de um dado limite temporal [...]. Terceiro, a migração terá de envolver necessariamente uma transição social bem definida, implicando uma mudança de estatuto ou uma alteração no relacionamento com o meio envolvente, quer físico, quer social (JACKSON, 1991, p. 5-6).

Dito de outra forma, para se tornarem um autêntico movimento migratório, a mobilidade no espaço e sua durabilidade no tempo devem produzir consequências sociais de tal maneira que estas alteram as relações sociais do migrante, bem como modificam seu estatuto social e jurídico.

Apesar da sua importância, esta definição exclui, no entanto, outras formas de migrações que não correspondem aos critérios temporal, espacial e social, por exemplo, os movimentos turísticos, as missões religiosas, as viagens de negócios, os intercâmbios de curto prazo etc. Neste caso, é preciso enxergar além das variáveis espaço, tempo e sociabilidade, no âmbito dos estudos sobre as migrações internacionais, a fim de encontrar uma definição que poderia ser mais abrangente. A questão político-jurídica pode ajudar. De fato, não migra quem quiser, não migra quem puder, ou seja, a decisão de migrar não depende só do desejo de sair do seu país de origem e de entrar num outro, imigrar é sobretudo condicionado pela política migratória do país de destino que, no exercício de sua soberania, controla quem pode entrar e permanecer no seu território e pertencer ao Estado-nação. Isso impacta consideravelmente o sistema migratório internacional. Nesse sentido, Baganha diz:

As migrações internacionais estão sujeitas a um sancionamento político dos Estados envolvidos no sistema migratório, o que altera significativamente a ação das determinantes econômicas e sociais, conferindo especificidade aos processos migratórios interestaduais (BAGANHA, 2001, p. 135).



Ao aprofundar o aspecto jurídico da questão, Michel Miaille (2009) ressalta que o fenômeno migratório coloca em situação de conflito os direitos do migrante, os da comunidade internacional e os do Estado soberano. Para o autor, se migrar é um direito fundamental de todo ser humano, é igualmente um direito internacionalmente reconhecido a cada indivíduo, porém, em virtude do princípio de soberania, é o Estado que finalmente define quem entra ou não, apesar do direito da comunidade internacional por outro lado de pressionar os países a respeitar os direitos humanos dos migrantes (MIAILLE, 2009). Portanto, as situações acima exemplificadas reabrem o debate entre soberania jurídico-política dos países e a universalização dos direitos humanos dos migrantes (BRITO, 2013) e o dilema da migração internacional. E, como disse Aristide Zolberg, fica claro que a migração internacional participa de um processo multifacetado individual, temporal, espacial, social, político, jurídico etc. Para ele, o processo migratório implica não somente uma realocação física, mas também uma mudança de jurisdição e de pertença (ZOLBERG, 1989, p. 405).

Até esse momento, as abordagens supramencionadas enfatizam mais o conceito de migração e, em algum momento, tem-se a impressão de que o mesmo se confunde com a mobilidade. No entanto, não é totalmente verdadeiro. Existe nuance entre os dois. Por isso, acho necessário estabelecer esta nuance recorrendo a alguns autores. E, de fato, como veremos, apesar da aparência sinonímica entre os dois, migração e mobilidade não designam, infelizmente, do ponto de vista conceitual e teórico, o mesmo fenômeno.

### **Mobilidade: tentativa de definição conceitual e teórica**

Basta colocar as palavras *migração* e *mobilidade* num motor de pesquisa online para perceber as múltiplas e distintas definições. Do ponto de vista didático e semântico, a palavra *mobilidade* é derivada do verbo *mover*, isto é, facilidade de mudar, um conjunto de meios de deslocamentos individuais ou coletivos. No sentido figurado, mobilidade quer dizer facilidade a passar rapidamente de uma disposição a uma outra, de um estado a um outro, de uma situação a uma outra assim por diante. Do ponto de vista sociológico, mobilidade se refere a uma mudança de estado, de estatuto ou de lugar de um indivíduo ou de um grupo. Em resumo, as abordagens acima reúnem em comum os elementos efêmero, flutuante, variável e flexível para definir a mobilidade.

Na definição de David Lopez (2009), a mobilidade se refere ao que é de passagem, nesse sentido, ela se opõe à migração e seria vista como um fator positivo de inclusão social, enquanto que quando se trata de migração, este conceito carrega às vezes consigo um conjunto de pressupostos negativos: migração de países pobres para os países ricos (LOPEZ, 2009, p. 181-183). *“En effet, un chef d’entreprise partant créer une affaire en Afrique est mobile, alors qu’un paysan du Sahel voulant s’installer au Danemark est un migrant ou un immigrant”*<sup>15</sup> (Idem, p. 182), explicitou o autor. Causada pelos fatores social,

15. “De fato, um líder empresarial que parte para iniciar um negócio na África é móvel, enquanto um agricultor do Sahel que deseja estabelecer-se na Dinamarca é um migrante ou um imigrante” (tradução nossa).

político, econômico, ambiental, acadêmico, motivada de maneira voluntária ou involuntária, a mobilidade, para Michel Mialle, é não apenas um direito, mas também uma atividade intrínseca à natureza humana, tal atividade pode ter custos sociais e econômicos elevados desde o início do processo até a entrada no país de destino (MIAILLE, 2009). A visão de Débora Mazza (2015) vai no mesmo caminho quando a autora compara a mobilidade a uma prática histórica da humanidade. Para ela, a mobilidade é um conjunto de deslocamentos - intra-regional e internacional - que, a partir do século XX, vem se manifestando em quatro níveis potenciais: demográfico (densidade das populações, trânsito, destino), econômico (circulação de bens, serviços, capitais, remessas), de ação social (estratégias, redes), sociocultural (novas configurações sociais, multiculturalismo, desigualdades, diferenças). Ela acentua suas análises em dois textos-chaves que consagram o direito à mobilidade como direitos humanos:

*Declaração Universal de Direitos Humanos (1948)* que “anuncia os valores de “igualdade, liberdade e diversidade”, ampliando os espaços de luta dos movimentos sociais e tendo em vista a construção dos direitos humanos numa dimensão de cidadania universal; e a *Diretiva de Retorno (2008)*, que defende o sistema internacional organizado em estados ou blocos regionais que exercem soberania em determinados territórios e que historicamente tratam de modo distinto os direitos dos nativos - cidadãos - e dos estrangeiros - não cidadãos ou menos cidadãos (MAZZA, 2015, p. 238)

Outros autores preferem, no entanto, não opor os dois conceitos, na medida em que, para eles, a mobilidade se refere às práticas sociais produzidas e experimentadas pelos sujeitos migrantes (INGOLD, 2000; 2011A, 2011B; DE CERTEAU, 1997, KNOWLES, 2011; KNOWLES, 2017; RIVERO SIERRA, 2018; DIAS, 2019, P. 71-74). Dito de outra maneira, a mobilidade e a migração podem ser duas atividades simultâneas e complementares, de tal maneira que é possível falar de mobilidade migratória. Em resumo, como aponta Knowles, a mobilidade significa *a priori* deslocamentos, fluxos, jornadas, cotidianidades, dinamismo, movimento etc.

Em suas muitas formas, pensar a mobilidade, essencialmente, coloca em primeiro plano o movimento, a dinâmica, a inquietação, a emergência e a conectividade, (re) conceitualizando o mundo social e as formas como ele funciona (KNOWLES, 2017, p. 490).

Ou seja, não é limitado que o indivíduo possa ser um migrante em constante mobilidade e circularidade. É o que acontece, às vezes, no caso dos estudantes internacionais, professores, pesquisadores, empresários, homens de negócios, industriais, trabalhadores nômades etc., que realizam viagens de curta duração ao redor do mundo. Neste caso, como lembram muito bem Stéphanie Vincent-Geslin e Jean-Yves Authier (2015), o termo « mobilidade » em si, entendido no campo da geografia, reagrupa fenômenos de natureza distinta: migrações, mobilidades, residências, deslocamentos quotidianos etc. (VINCENT-GESLIN e AUTHIER, 2015).

Assim, essas considerações - conceituais e teóricas - levam a algumas constatações. Primeiro, se a mobilidade significa simplesmente o que não é fixo, o que muda fácil e constantemente, a migração se refere então ao que vem para ficar, nesse sentido, é a intenção de permanecer e de se estabelecer num território - o que pode ser de maneira temporária ou definitiva - que determina o ato migratório. Segundo, a entrada num país ou num território outro que o de origem por diversos motivos: social, político, econômico, ambiental, acadêmico etc., constitui um ato migratório, enquanto que a mobilidade implica uma ação transitória de passagem, transfronteiriça, de circulação de um país ou um território para outro. Terceiro, é raro que a palavra mobilidade seja empregada de maneira isolada. Quando ela não é geralmente seguida de um adjetivo (mobilidade estudantil, mobilidade acadêmica, mobilidade científica, mobilidade profissional, mobilidade internacional, mobilidade urbana...), ela é acompanhada de um substantivo como no caso de direito à mobilidade, mobilidade das populações, mobilidade dos trabalhadores etc. Assim, entre mobilidade e migração, não há grande diferença conceitual e teórica, tudo é uma questão de nuance, de ação social e de comportamento do migrante. Uma vez que a nuance foi ressaltada, vou agora concentrar-me na questão da mobilidade internacional dos estudantes, que é o assunto principal que motivou o trabalho de campo na Unicamp.

## **A mobilidade internacional**

A mobilidade acadêmica e científica é uma dentre as várias formas que pode tomar a migração qualificada. Essas formas podem ser a mobilidade empresarial (MENDOZA, 2018), a mobilidade de técnicos administrativos (MORAES, TUROLA e STREHLAU, 2015), a mobilidade estudantil (MELO, 2008, RIBEIRO DE ALMEIDA, 2012) etc. Qualquer seja a tipologia, a mobilidade se faz no âmbito da internacionalização e da circulação do saber científico e da experiência profissional. Com efeito, a mobilidade acadêmica e científica de pessoas com alta formação universitária ou técnica e nível de educação avançado (SELA, 2009), comumente chamada migração qualificada, é um fenômeno cujas práticas originam-se nas sociedades mais antigas. Sem precisar entrar nos detalhes históricos muito longos, há séculos que Chineses, Egípcios, Árabes - bem formados, educados e instruídos - se deslocavam para Europa, Ásia e África no objetivo de estudar ou pesquisar. Na época moderna, as duas Guerras Mundiais trouxeram outras lógicas: não somente a mobilidade de profissionais qualificados se tornou um assunto de segurança nacional, mas ela se inseriu sobretudo num processo de reconstrução dos países europeus destruídos pelas guerras. Daí, o surgimento da migração Norte-Norte, Sul-Norte, tal migração foi caracterizada pelo duplo fenômeno de “fuga de cérebros” e “ganho de cérebros”, no sentido de que para os países de origem a migração qualificada provocava uma perda enorme - até irreparável - de recursos humanos mais qualificados, enquanto que os países de destino ou de acolhimento absorveram esses recursos como ganhos de cérebros. Esta percepção demográfica era sobretudo orientada por uma metodologia quantitativa (PEDRONE e ALFARO, 2018).

Todavia, hoje em dia, a tendência é outra, ou seja, a migração das pessoas altamente qualificadas não representa nem uma perda total para o país de origem, pois as práticas de remessas internacionais quebram este mito; nem um ganho absoluto para o país de acolhimento na medida em que o migrante se torna um sujeito social transnacional que compartilha sua vida entre duas ou mais culturas, fronteiras, línguas, sistemas sociojurídicos: a da sua terra natal e a da sua terra de acolhimento. Num sentido não exclusivista e não absolutista, as duas realidades têm que coexistir. Mas, aos ambos dos fatos se acrescenta um terceiro que às vezes é ocultado, a saber, o *“desperdício de cérebros”*. Isso se traduz quando o mercado de trabalho, quer no país de origem (retornar), quer no país de residência (ficar) não consegue absorver os indivíduos qualificados ou sobre-qualificados. Ou também quando estes não são bem relocados, orientados e colocados no lugar certo e são obrigados a trabalhar num setor totalmente diferente da sua formação só para sobreviver.

Na discussão teórica sobre o tema mobilidade acadêmica ou científica, muitos assuntos e aspectos entram em debate e ficam ainda sem respostas. Dentre esta variedade de assuntos, é possível destacar as desigualdades que as mobilidades Sul-Norte continuam a criar e que tornam os debates sobre fuga de cérebros, ganho de cérebros ou desperdício de cérebros sempre atuais; a relevância da mobilidade e os fatores motivacionais individuais que a acompanham (TERRIER, 2009). Em segundo lugar, tudo é uma questão de visão também, por exemplo, a mobilidade dos estudantes africanos/as para a Europa ou América do Norte acontece geralmente por falta de oportunidades no país de origem, o que é visto como uma fuga de cérebros, enquanto que a mobilidade dos estudantes chineses é geralmente vista como um *“brain gain”* para a China. Em terceiro lugar, o papel da mobilidade na inserção do/a estudante no mercado de trabalho, ou seja, se, de um lado, as mobilidades representam um investimento das famílias para os/as estudantes, elas podem constituir o começo de uma vida ativa, do outro (TEICHLER e SCHOMBURG, 2008). Assim, quer seja para garantir um futuro promissor, quer seja para adquirir uma experiência profissional, a mobilidade internacional se torna hoje uma marca de ascensão social e uma abertura às outras culturas. E como vamos ver agora nos resultados parciais, alguns estudantes internacionais entrevistados na Unicamp enfatizam discursos parecidos.

## **Estudante estrangeiro ou estudante internacional?**

Estudante estrangeiro ou estudante internacional designa toda pessoa que escolha estudar - em parte ou em totalidade - num país diferente do seu (de origem ou de residência) e decide se mudar para esse país - temporária ou definitivamente - por razões acadêmicas (UNESCO, 2022). Esta decisão se torna efetiva assim que ela se matricular numa universidade ou uma instituição universitária da sua escolha e é geralmente motivada pela busca de novos conhecimentos, nova cultura, novo idioma e novas habilidades acadêmicas e profissionais. Desde o início do século XXI, o mundo assiste um crescimento exponencial dos estudantes internacionais. Com efeito, se em 2000 havia só 2 milhões estudantes internacionais no mundo, em 2022 eles são 6.859.426 (UNESCO, 2022). No

ranking das principais destinações dos estudantes internacionais, encontra-se no topo das cinco primeiras: Estados Unidos (833.204)<sup>16</sup>, Reino Unido (674.931), Alemanha (403.473), Austrália (382.007) e Canada (336.837). Na América Latina, é a Argentina que domina o ranking de 2022 com 137.116 estudantes internacionais. O Brasil se encontra no quarto lugar com 24.009, atrás da República Dominicana e do México que recebem, respectivamente, 54.701 e 51.394 estudantes internacionais pelo mesmo ano.

Porém, apesar de parecer duas palavras sinônimas, a Unesco propõe uma nuance entre estudante estrangeiro e estudante internacional que merece uma certa atenção. Já a primeira constatação, é que ela não usa o termo *estudante internacional*, mas de preferência *estudante em mobilidade internacional*, que define da seguinte maneira:

*Étudiants en mobilité internationale sont des personnes qui ont franchi physiquement une frontière entre deux pays dans l'objectif de participer aux activités éducatives dans le pays de destination, lorsque ce dernier est différent de son pays d'origine*<sup>17</sup> (UNESCO, 2022)

É bom destacar nesta definição a ênfase sobre a expressão: “*peessoas que atravessam fisicamente uma fronteira*”, isso significaria que os estudos online numa universidade estrangeira não fazem de alguém um estudante internacional. Para ser designada assim, a pessoa e seu corpo físico precisam estar em movimento marcando sua mobilidade, sua transição, sua circulação, sua passagem, sua transição de um território para outro. Um estudante em mobilidade internacional busca, em geral, a obtenção de um diploma superior e, ainda segundo a UNESCO, seu período de estudo varia de um a sete anos (UNESCO, 2022). Por isso, a organização onusiana distingue esta categoria de estudantes com duas outras, a saber, estudantes estrangeiros e estudante em mobilidade de crédito.

De um lado, um estudante estrangeiro pode deter um estatuto de não-residente ou de residente permanente. No primeiro caso, trata-se de uma mobilidade acadêmica transformada em uma espécie de migração permanente e definitiva no país de destino de maneira autônoma. Esta definição não leva em conta o fato de que esses estudantes em situação de não-residentes - ou de residentes temporários, termo mais utilizado nos países como Brasil ou Canadá - podem, conforme a Lei migratória vigente no país, se tornar residentes permanentes. No segundo caso, ou seja, quando se trata de um residente permanente, o estudante é um imigrante porque está oriundo de um processo de imigração iniciado por seus pais que já tinham se estabelecido no país.

Porém, do outro lado, um estudante em mobilidade de crédito (intercâmbio na linguagem brasileira) é aquela pessoa que efetua num país estrangeiro um estágio de estudo ou de pesquisa enquanto que ela permanece inscrita na universidade do seu país de origem ou de residência (VAN MOL e EKAMPER, 2016). Estas definições ajudam por enquanto a evitar toda confusão entre as diferentes categorias de estudantes internacionais.

16. Exceto Estado Unidos cuja estatística se refere ao ano 2021.

17. Estudantes em mobilidade internacional são pessoas que atravessaram fisicamente uma fronteira entre dois países com o objetivo de participar em atividades educativas no país de destino, quando este é diferente do seu país de origem (tradução nossa).

No âmbito deste trabalho de campo na UNICAMP, exceto os estudantes estrangeiros vistos como imigrantes na terminologia da Unesco, eu encontrei estudantes estrangeiros não-residentes, estudantes em mobilidade internacional e estudantes em mobilidade de crédito no âmbito de um programa de intercâmbio de curto período. Em resumo, entende-se que os estudantes em mobilidade internacional possuem um período de estudo mais ou menos longo (de um a sete anos repetindo o limite estabelecido pela UNESCO), os estudantes estrangeiros podem ser residentes temporários, residentes permanentes ou até naturalizados, enfim, os estudantes em mobilidade crédito ou intercâmbio detêm um período de estudo muito curto, na medida em que têm a obrigação de voltar ao seu país de origem ou de residência para terminar seu curso e obter seu diploma.

Neste artigo, emprego de maneira intercambiável estudante estrangeiro ou estudante internacional, porque ao meu ver não há uma grande diferença. Todavia, afinal eu prefiro o conceito de estudante estrangeiro, pois na minha reflexão esta distinção apenas ressalta a complexidade de definir um estudante internacional e mostra, acima de tudo, que o conceito de estudante internacional é muito polissêmico. Portanto, esta distinção, infelizmente, não somente não resolve a complexidade de definição de um estudante internacional, mas cria ainda mais dúvidas por não ter levado em consideração muitos casos particulares de estudantes estrangeiros, por exemplo, aqueles que se tornam residentes permanentes ou que se naturalizam. Em suma, se o termo estudante em mobilidade internacional é restritivo, o de estudante estrangeiro é mais abrangente. Com efeito, quer seja no caso de mobilidade (estudantil, internacional, empresarial, acadêmica, científica...) ou de imigração, qualquer um que deixa sua terra natal e atravessa a fronteira de um outro país está em situação de estrangeiro por diversas razões ligadas à lei, à língua, à cultura, à vida social, à alimentação, ao meio ambiente, ao sistema sociojurídico etc. Pessoas estrangeiras designam pessoas não nacionais ou que ainda não possuem a naturalidade do país no qual se encontram em situação de migração temporária ou definitiva.

## **ANÁLISE DE ALGUNS RESULTADOS PARCIAIS**

Nesta análise sucinta dos resultados parciais do trabalho de campo, escolhi enfatizar brevemente cinco elementos: a questão do visto, os programas acadêmicos, tipo, momento e estatuto do intercâmbio, a relação entre mobilidade e empregabilidade, por fim, as ambições futuras que a mobilidade internacional conseguiu criar no espírito dos jovens estudantes entrevistados/as.

O que foi constatado no campo, é que a grande maioria dos estudantes (9) que eu entrevistei na UNICAMP veio dos países membros do Mercosul (Equador, Peru e Venezuela), sendo assim eles gozam do direito à gratuidade de visto que lhes permite entrar no Brasil para estudar (estudantes de graduação ou pós-graduação) e fazer

pesquisas (docentes)<sup>18</sup>. Alguns dentre eles, mesmo com expectativa de voltar à sua terra natal, conseguem transformar sua residência temporária em permanente para poder ficar estudando, pesquisando e trabalhando no Brasil por mais tempo. Mas, outros - praticamente os intercambistas - tinham que voltar ao seu país após o fim da formação. Era o caso de Maco e Sama do Peru que, no momento da entrevista, já tinham voltado ao seu país de origem. Encontrei também estudantes fora do Mercosul que vieram de todos os continentes: Europa (uma pessoa do Portugal), África (três pessoas do Moçambique), América central (uma pessoa da Guatemala) e América do norte (uma pessoa do México), alguns com visto de estudante, outros com visto de turista depois transformado em visto de estudante, outros ainda com visto temporário no âmbito da reunião familiar.

Quanto à questão do programa (acadêmico, tecnológico, profissional...) no âmbito do qual eles vieram estudar ou pesquisar na universidade, a maior parte vem com bolsa de estudo, eles são convenistas (PEC-G ou PEC-PG) e intercambistas no âmbito de convênios entre a UNICAMP e sua universidade ou instituição universitária respectiva. Existe uma outra categoria de estudantes - embora pequena - que veio no âmbito da reunião familiar, trata-se do casal moçambicano cujo marido imigrou ao Brasil e depois chamou sua esposa e suas duas filhas. No grupo dos estudantes estrangeiros entrevistados, a venezuelana já conseguiu a cidadania brasileira pela naturalização. Os estudantes do Mercosul que não retornaram ao seu país conseguiram se estabelecer definitivamente no Brasil após ter obtido sua residência permanente.

Na tabela abaixo, observa-se principalmente tipo, estatuto, momento e duração das mobilidades efetuadas pelos/as estudantes entrevistados/as. Com efeito, para a maioria dos estudantes a mobilidade acadêmica numa instituição estrangeira era uma atividade obrigatória, enquanto que para outros era uma coisa facultativa ou pelo menos pessoal. No aspecto da obrigatoriedade do intercâmbio, no momento do trabalho de campo, dois estudantes já tinham terminado seu intercâmbio e voltado ao seu país, enquanto que três outros estavam em fase de concluir seus estudos, como eu já havia mencionado (p. 14,15).

---

18. Para turistar, qualquer cidadão de um país do bloco Mercosul pode entrar no Brasil sem passaporte e visto desde que seja munido de uma carteira de identificação, além disso, pode ficar por um prazo igual ou inferior a 90 dias prorrogáveis. Para mais informações, consulte este site: <https://www.mercosur.int/pt-br/quem-somos/em-poucas-palavras/>. Último acesso em: 23-12-2024.

<b>Pseu- dônimo</b>	<b>Programa</b>	<b>Duração da mobili- dade</b>	<b>Tipo de aluno/a</b>	<b>Momento da mobilidade</b>	<b>Mobilida- de obri- gatória</b>	<b>Estatuto da mobi- lidade</b>	<b>Nível aca- dêmico</b>
1. Adca	Bolsista da Unicamp	desde 2014	regular	depois do doutorado	nao	em anda- mento	Pos-doc
2. Almejo	reuniao familiar	desde 2018	regular	após a gradu- ação	sim	em anda- mento	Mestre em engenharia agrícola
3. Alu- quis	bolsista do governo peruano	desde 13 meses	Especial	quinto ano de graduação	sim	em anda- mento	Mestrado
4. Carva	Intercâmbio	desde 4 meses	Itercam- bista	terceiro ano de graduação	sim	terminado	Graduando
5. Emifa	Convenio	desde 2011	Regular	quarto ano de graduação	sim	em anda- mento	graduado em engenharia química
6. Gese	Intercâmbio	desde 3 meses	Inter- cam- bista	terceiro ano de graduação	sim	terminado	Graduando
7. Luma	FAPESP	desde 2018	Regular	depois do doutorado	nao	em anda- mento	Pos-doc
8. Ma- sou	Convenio	desde 2020	Regular	terceiro ano de graduação	sim	terminado	Graduando
9. Maco	Intercâmbio	ficou seis meses e voltou	Inter- cam- bista	terceiro ano de graduação	sim	terminado	Graduando
10. Marto	Convenio	desde 2021	Regular	ultimo ano de graduação	nao	em anda- mento	Mestrado
11. Maro	tem bolsa de uma instituição no país de origem	desde 2020	Regular	segundo ano de doutorado	nao	em anda- mento	Doutorando
12. Macora	Intercâmbio	desde 3 meses e meio	Inter- cam- bista	segundo ano de graduação	sim	em anda- mento	Graduação em Letras
13. Maja	Intercâmbio	desde 2023	Inter- cam- bista	terceiro ano de graduação	sim	em anda- mento	Psicologia social
14. Sama	Intercâmbio	ficou seis meses e voltou	Inter- cam- bista	terceiro ano de graduação	sim	terminado	Graduanda
15. Odave	Convenio	desde 15 meses	Regular	segundo ano de graduação	sim	em anda- mento	Graduando

Tabela 3. Tipo, estatuto, duração e momento de mobilidades dos estudantes estrangeiros/as entrevistados/as na Universidade Estadual de Campinas (Unicamp) / Campus Barão Geraldo

Tabela 3: Criada pelo autor a partir dos dados coletados na Unicamp.



Como muitos autores concordam (BAO, 2020; HAVET, 2017; SCHOMBURG e TEICHLER, 2008), em geral, o objetivo de uma imigração por razões acadêmicas é obter uma melhor educação, tal melhor educação a ser obtida numa universidade estrangeira deve, em toda hipótese, proporcionar a melhor forma de integrar-se no mercado nacional ou internacional de trabalho e conseguir o melhor emprego, embora isso não seja uma garantia total. A relação entre mobilidade internacional e inserção profissional se encontra sempre dominada por parâmetros econômicos que nem os migrantes entendem (BAO, 2020; HAVET, 2017).

Todavia, a possibilidade ou probabilidade de ser empregado/a no seu país de origem graças à mobilidade internacional efetuada está grandemente presente no espírito dos estudantes estrangeiros entrevistados. Como pode-se ver na tabela em baixo, quando são questionados/as sobre a possibilidade de emprego ou em que sentido o intercâmbio que estão fazendo poderia desempenhar um papel importante no seu futuro (pessoal e profissional) em termos de inserção profissional, muitos dos/as pesquisados/as acreditam muito que uma experiência acadêmica no exterior - sobretudo num país cujo desenvolvimento econômico seja superior ao seu - constitui uma grande chance para eles conseguirem um melhor emprego quando voltarem ao seu país de origem ou de residência. Se alguns têm demonstrado alguma reserva (dúvida) a respeito da situação social, política e econômica atual do seu país, outros estão ainda sem plano de retorno à terra natal.

<b>Pseudônimo</b>	<b>Se você voltar ao seu país, tem alguma garantia de emprego?</b>
1. Adca	não tenho plano de voltar
2. Almejo	sim
3. Aluquis	sim
4. Carva	sim
5. Emifa	sim
6. Gese	não, porque vou voltar pra continuar e concluir minha graduação.
7. Luma	sim
8. Masou	sim
9. Maco	sim
10. Marto	não
11. Maro	sim
12. Macora	sim
13. Maja	sim
14. Sama	sim
15. Odave	não

Tabela 4. Probabilidade de emprego no país de origem após a experiência de mobilidade internacional.

Tabela 4: Criada pelo autor a partir dos dados coletados na Unicamp.

Um último aspecto que deve chamar atenção neste relatório de trabalho de campo é a maneira de que os estudantes estrangeiros pensam e enxergam suas ações futuras - tanto do ponto de vista de projeto pessoal quanto do ponto de vista de projeto social com um sentimento patriótico e nacional - a partir da mobilidade internacional. Com efeito, pode-se observar grande ambição nas falas de cada um/a deles/as quando se tratar do papel relevante que a mobilidade internacional efetuada pode desempenhar no seu futuro e no do seu país de origem, a tal ponto que cada estudante formula seu projeto ambicioso. É o caso, com efeito, de Aluquis, 30 anos, doutoranda em química no Instituto de Química, que já pensa criar um grupo de pesquisa em eletroquímica no Peru quando voltar lá, porque seu país está precisando muito. Ela diz o seguinte:

*Quando você faz o doutorado, você tem outras capacidades, pode escrever projectos, pode criar grupos de pesquisa..., então, minha cidade em particular precisa de grupos de pesquisa em química: eu gostaria de criar um grupo de pesquisa em química, na área de eletroquímica especificamente (Aluquis, entrevista 25/10/2024).*

No caso de Emifa, 30 anos, mestrando em engenharia química na Faculdade de Engenharia Química, ele não esconde seu grande desejo de voltar ao Equador após concluir seu mestrado. Acreditando que ele será mais útil profissionalmente lá do que no Brasil, ele pensa que, num futuro promissor, se ele tiver a chance de se tornar professor numa universidade equatoriana, sua experiência de mobilidade internacional deveria servi-lo a trabalhar mais nos laços acadêmicos entre Brasil e Equador criando assim um departamento de intercâmbio na universidade do seu país.

*Pra mim, disse ele, tem muitas vantagens no sentido individual: posso arrumar um emprego com maior facilidade, tenho um bom português, meu nível meu nível profissional é bom, eu acho que os brasileiros tem um nível bom profissional, muito bom mesmo...já que eles sao muito desejados na Europa, no Japão, coisa do tipo, sabe...O nível que o Brasil dá para os profissionais e muito...tal...eu vejo uma coisa muito positiva pra mim por este lado. E pro nível, a nível do meu país, assim falando do meu país, um engenheiro químico, o Xi Jiping e engenheiro químico, o presidente atual da China, ele e engenheiro químico, depois, ele fez uma especialização, um mestrado em política [...] Eu acho a vantagem do olhar, quando se der numa inserção social, porque se você não pensa de forma social, não adianta muito por resto, né. Criar laços entre Brasil e Equador, enquanto laços de empresas privadas. [...] Se um dia, eu entro numa faculdade eu criaria laços intercâmbios, sabe, coisa do tipo, haaa, vamos fazer intercâmbio pro Brasil, que os Brasileiros venham também no Equador (Emifa, entrevista 22/10/2024)*

Assim, dentre os parâmetros de Syred Zwick que permitem de definir a mobilidade acadêmica, o fortalecimento da capacidade na preparação do futuro e da inserção profissional, o constrangimento ou a necessidade de partir no exterior por causa de uma oferta educativa restringida no país de origem são os mais que ajudam a entender melhor que partir estudar no exterior faz parte de uma cálculo racional dos/as migrantes a fim de aumentar suas chances de obter o melhor trabalho tanto no seu país como no exterior (ZWICK, 2019). Por isso, a mobilidade internacional é, hoje em dia, um dos potenciais cada vez mais procurado e valorizado pelos recrutadores.

## CONSIDERAÇÕES FINAIS

Em suma, o trabalho de campo na UNICAMP sobre os estudantes internacionais abriu outros caminhos em direção ao assunto da mobilidade estudantil tendo facilitado a obtenção de dados relevantes para compará-los com os haitianos no Brasil em geral, na Unicamp em particular no âmbito do programa Pró-Haiti. Se as estratégias metodológicas (abordagem, aproximação, observação participante, observação direta e indireta) ajudaram a criar uma base de estudantes presentes no espaço, as entrevistas semi-estruturadas e as conversas com as grandes personalidades institucionais permitiram armazenar dados, informações e conhecimentos relevantes e consideráveis para uma análise comparativa posterior entre a migração acadêmica e qualificada dos Haitianos e outros estudantes internacionais. Os três professores podem ser considerados como pioneiros da mobilidade estudantil dos haitianos no Brasil. Ou seja, é graças a eles, à Capes e ao governo brasileiro que algumas universidades brasileiras abriram suas portas para receber estudantes haitianos e que o Haiti pode escrever hoje uma página histórica no fenômeno da internacionalização universitária que surgiu no Brasil em 2011. Todas as pessoas que aceitaram com muita admiração e respeito meu convite me ajudaram a viver um momento crucial que eu estava esperando há muito tempo.

## REFERÊNCIAS

AUTHIER, Jean-Yves, VINCENT-GESLIN, Stéphanie. Les mobilités quotidiennes comme objet sociologique. **Cahiers de recherche sociologique**, (59-60), p. 79–97, 2015. Disponível em: <https://doi.org/10.7202/1036787ar>. Último acesso em: 24 fev. 2024.

BAGANHA, Maria Ioannis. “A cada Sul o seu Norte: dinâmicas migratórias em Portugal”, in Boaventura de Sousa Santos (org.), **Globalização, Fatalidade ou Utopia?** Porto: Edições Afrontamento, p. 135-159, 2001.

BAO, Tana. Le rôle de la mobilité internationale dans les parcours académiques et professionnels des étudiants chinois en France. **Journal of international Mobility**, 2020/1 (N° 8), pages 45 à 72.

BOURDIEU, Pierre. Campo de poder, campo intelectual. Buenos Aires: Folios, 1983.

\_\_\_\_\_. **A economia das trocas simbólicas**. São Paulo, SP: Perspectiva, 2007.

\_\_\_\_\_. **Le sens pratique**. Paris: Minuit, 1980.

BOURDIEU, Pierre; CHAMBOREDON, Jean-Claude; PASSERON, Jean-Claude. **Le métier de sociologue**. Troisième édition. Paris: Mouton, 1980, 357 p.

BRITO, Fausto. A politização das migrações internacionais: direitos humanos e soberania nacional. **Revista brasileira Estudo População**, Rio de Janeiro, v. 30, n. 1, p. 77-97, jan./jun. 2013.

CORTÉZ, LUÍS; FLORES, JOSÉ TADEU. 50 Anos de Internacionalização da Unicamp-Universidade Estadual de Campinas. **Universidades**, núm. 68, pp. 65-83, 2016.

DE CERTEAU, Michael. **The practice of everyday life**. Minnesota: University of Minnesota Press, 1997.

DIAS, Gustavo. Mobilidade migratória: uma leitura crítica para além de metáforas hidráulicas. **Revista Interdisciplinar Mobilidade Humana**, Brasília, v. 27, n. 57, dez. 2019, p. 61-78.

DIRETORIA EXECUTIVA DAS RELAÇÕES EXTERIORES (DERI). Diretoria de Relações Internacionais recebe novo grupo de estudantes estrangeiros. Disponível em: <https://unicamp.br/noticias/2024/07/31/diretoria-de-relacoes-internacionais-recepciona-novo-grupo-de-estudantes-estrangeiros/>. Último acesso: 25-11-2024.

\_\_\_\_\_. Formas de Ingresso na Unicamp – Estudantes Estrangeiros. Disponível em: neste site: <https://internationaloffice.unicamp.br/estrangeiros/estudantes-estrangeiros/formas-de-ingresso/#PROGRAMAS-DE-P%C3%93S-GRADUA%C3%87%C3%83O>. Último acesso em 2/12/2024.

\_\_\_\_\_. **Estudante intercambista para estágio / pesquisa**. Disponível em: neste site: <https://internationaloffice.unicamp.br/estudante-intercambista-para-estagio-pesquisa/>. Último acesso em 2/12/2024.

\_\_\_\_\_. Mobilidade incoming: Estudantes estrangeiros na Unicamp. **Relatório**, Unicamp: Deri, 2023.

FERNANDEZ-BALLESTEROS, Rocio. Evaluación en psicología de la salud: algunos problemas metodológicos. In Casullo M. (Ed.), **Evaluación psicológica en el campo de la Salud**. Buenos Aires: Paidós, 1996.

GEERTZ, Clifford. *El Antropólogo como Autor*. Barcelona: Ingraf, 1989.

HAVET, Nathalie *Mobilité internationale des étudiants du supérieur et*

*débuts de vie active*. **Revue française d'économie** 2017/2 (Vol. XXXII), pages 64 à 106.

INGOLD, Tim. **The perception of the environment: essays on livelihood, dwelling and skill**. London: Routledge Press, 2000.

INGOLD, Tim. Against space: place, movement, knowledge. In: KIRBY, Peter (org.). **Boundless worlds: an anthropological approach to movement**. Oxford: Berghahn Books, 2011, p. 29-45.

INGOLD, Tim. **Being alive: essays on movement, knowledge and description**. London: Routledge Press, 2011.

INSTITUTO NACIONAL DE ESTUDOS E PESQUISAS EDUCACIONAIS ANÍSIO TEIXEIRA (INEP). Censo da educação superior 2022: notas estatísticas. Brasília, DF: Inep, 2023a. Disponível em: <https://www.gov.br/inep/pt-br/centrais-de-conteudo/acervo-linhaeditorial/publicacoes-institucionais/estatisticas-e-indicadores-educacionais/censo-da-educacao-superior-2022-notas-estatisticas>. Último acesso em 2/12/2024.

JACKSON, John A. **Migrações**. Lisboa: Escher, 1991.

KNOWLES, Caroline. **Nas trilhas de um chinelo: uma jornada pelas vias secundárias da globalização**. São Paulo: Annablume Editora, 2017.

KNOWLES, Caroline. Cities on the move: navigating urban life. **City**, v. 15, n. 2, p. 136-153, 2011.

LAKATOS, Imre. **La metodología de los programas de investigación científica**. Madrid: Alianza Editorial, 1983.

LEE, Everett S. A Theory of Migration. **Demography**, No.1, Vol. 3, 1966, p. 47-57.

LOPEZ, David. Migrations, mobilité et éducation : quels enjeux ? In: **Migrations Société**, N°121, p. 181-185, 2009. Disponível em: [https://www.cairn.info/revue-migrations-societe-2009-1-page-181.htm&wt\\_src=pdf](https://www.cairn.info/revue-migrations-societe-2009-1-page-181.htm&wt_src=pdf)

MAZZA, Débora. O direito humano à mobilidade: dois textos e dois contextos. **REMHU - Revista Interdisciplinar Mobilidade Humana**, Brasília, Ano XXIII, n. 44, p. 237-257, jan./jun. 2015.

MALINOWSKI, Bronislaw. Les argonautes du Pacifique occidental. Paris: Gallimard, 1922.

MENDOZA, Cristóbal. Migración y movilidad de los trabajadores cualificados extranjeros de las empresas en México. **Iztapalapa Revista de Ciencias Sociales y Humanidades**. núm. 84 · año 39 · enero-junio de p. 15-47, 2018.

MIAILLE, Michel. L'état du droit à la mobilité In **Migrations et sociétés**, No. 121, p. 89-104, 2009. Disponível em: [https://www.cairn.info/revue-migrations-societe-2009-1-page-89.htm&wt\\_src=pdf](https://www.cairn.info/revue-migrations-societe-2009-1-page-89.htm&wt_src=pdf).

MINISTERIO DAS RELACOES EXTERIORES (MRE). Sobre o programa PEC-G. Disponível em: <https://www.gov.br/mre/pt-br/assuntos/cultura-e-educacao/temas-educacionais/programas-de-estudo-para-estrangeiros/pec-g/sobre#normas>. Último acesso em 2/12/2024.

MORAES, Sergio Garrido; STREHLAU, Vivian Iara; TUROLLA, Frederico Araújo. Produção acadêmica de autores brasileiros sobre Internacionalização: Balanço das publicações no Brasil no Século XXI. **São Paulo**, v.10, n. 2, p. 82-96, mai./ago. 2015.

MORAES, Roque. Análise de conteúdo. **Revista Educação**, Porto Alegre, RS, v. 22, n. 37, p. 7-32, 1999.

MOROSINI, Marília Costa. Estado do conhecimento sobre internacionalização da educação superior: Conceitos e práticas. **Educar**, Curitiba, n. 28, p. 107-127, 2006. Editora UFPR.

MELO, TICIANA TELLES. Mobilidade estudantil de partida na UFC: experiências e formação. 01/12/2008 275 f. **Doutorado em Educação Instituição de Ensino**: Universidade Federal do Ceará, Fortaleza Biblioteca Depositária: Humanidades/ufc

PEDONE, Claudia; ALFARO, Yolanda (coor.). La migración cualificada en América latina: nuevas perspectivas teórico-metodológicas y desafíos. periplos. **Revista de Investigación sobre Migraciones**, Vol. 02 - Número 01 - 2018, 160p.

PEIXOTO, João. As teorias explicativas das migrações: teorias micro e macrosociológicas. **Instituto Superior de Economia e Gestão – SOCIUS Working Papers**, 11, 2004.

PETERSEN, William. A General Typology of Migration. **American Sociological Review**, Vol. 23, No. 3, p. 256-266, 1958.

RIBEIRO DE ALMEIDA, Gisele Maria (2012) “De estudante à migrante: percursos e percalços de brasileiros na França” (69-83). In: PADILLA, Beatriz (coord.) **Novas e velhas configurações da imigração brasileira na Europa: atas do 2o seminário de estudos sobre a imigração brasileira na Europa**. Lisboa, 2012.

RIVERO SIERRA, Fulvio. Pensar el espacio, pensar los sujetos migrantes. Para una teoría de la apropiación subjetiva del espacio. **Argumentos**, v. 15, n. 1, p. 37-67, 2018.

SAYAD, Abdelmalek. **A imigração ou os paradoxos da alteridade**. Tradução Cristina Muracheo. São Paulo: Universidade de São Paulo, 1998.

SISTEMA ECONÓMICO LATINOAMERICANO Y DEL CARIBE (SELA). La emigración de recursos humanos calificados desde países de América Latina y el Caribe: Tendencias contemporáneas y perspectivas. Reunión Regional: “La Emigración de Recursos Humanos Calificados desde Países de América Latina y el Caribe”. Caracas: 2009.

SCHOMBURG, Harald; TEICHLER, Ulrich. Mobilité internationale des étudiants et débuts de vie active. **Formation emploi**, n. 103, p. 41-55, 2008.

TERRIER, Eugénie. Les migrations internationales pour études : facteurs de mobilité et inégalités Nord-Sud. **Information géographique**, v. 73, n. 4, p. 69-75, 2009.

TIMES HIGHER EDUCATION (THE). **Best universities in Latin America 2024**. Disponível em: <https://www.timeshighereducation.com/student/best-universities/best-universities-latin-america>. Último acesso em: 1 jan. 2025.

UNESCO. **Étudiants internationaux**. Disponível em: <https://www.migrationdataportal.org/fr/themes/etudiants-internationaux>. Último acesso em: 1 jan. 2025.

UNESCO. **Inbound internationally mobile students by continent of origin**. Disponível em: <https://data.uis.unesco.org/index.aspx?queryid=3804>. Último acesso em: 1 jan. 2025.

UNITED NATIONS. Recommendations on Statistics of International Migration. Statistical Papers Series M, ST/ESA/STAT/SER.M/58/Rev.1, 1998. Disponível em: [http://unstats.un.org/unsd/publication/SeriesM/seriesm\\_58rev1e.pdf](http://unstats.un.org/unsd/publication/SeriesM/seriesm_58rev1e.pdf). Último acesso em: 24 fev. 2024.

UNIVERSIDADE ESTADUAL DE CAMPINAS (UNICAMP). **Anuário estatístico**. Campinas: Assessoria de economia e planejamento, 2005.

UNICAMP. Diretoria de Relações Internacionais recebe novo grupo de estudantes estrangeiros. 31/07/2024, Disponível em: <https://unicamp.br/noticias/2024/07/31/diretoria-de-relacoes-internacionais-recepciona-novo-grupo-de-estudantes-estrangeiros/>. Último acesso em:

VAN MOL, Christof e EKAMPER, Peter. (2016) Destination cities of European exchange students, **Geografisk Tidsskrift-Danish Journal of Geography**, no. 116, vol.1, p. 85-91, 2016. DOI: 10.1080/00167223.2015.1136229

ZOLBERG, Aristide. “The Next Wave: Migration Theory for a Changing World”. **International Migration Review**, No.3, Vol. 23, p. 403-430, 1989.

ZWICK, Syed Hélène. Le modèle de motivation – opportunité – capacité : application à la mobilité étudiante régionale en Asie centrale. **Journal of international Mobility**, 2019/1, (nº 7). P. 45-68.

# ENTREVISTA

ALUQUIS. **Entrevista VIII.** [out. 2024]. Entrevistador: Jean Fabien. São Paulo, 2024. 1 arquivo.mp3 (71 min.).

EMIFA. **Entrevista X.** [out. 2024]. Entrevistador: Jean Fabien. São Paulo, 2024. 1 arquivo.mp3 (111 min.).

# ANEXO 1: AS SIGLAS

UNIDADE DE ENSINO
IG = INSTITUTO DE GEOCIENCIAS
FEA = FACULDADE DE ENGENHARIA AGRÍCOLA
IQ = INSTITUTO DE QUÍMICA
FEQ = FACULDADE DE ENGENHARIA QUÍMICA
IA = INSTITUTO DE ARTE
IFCH = INSTITUTO DE FILOSOFIA E CIÊNCIAS HUMANAS
IEL = INSTITUTO DE ESTUDOS DA LINGUAGEM
FCM = FACULDADE DE CIÊNCIAS MÉDICAS
FEM = FACULDADE DE ENGENHARIA MECÂNICA
IE = INSTITUTO DE ECONOMIA
IB = INSTITUTO DE BIOLOGIA
IFGW = INSTITUTO DE FISICA GLEB WATAGHIN
IC = INSTITUTO DE COMPUTAÇÃO
IMECC = INSTITUTO DE MATEMÁTICA, ESTATÍSTICA E COMPUTAÇÃO CIENTÍFICA
FEEC = FACULDADE DE ENGENHARIA ELÉTRICA E COMPUTAÇÃO
FEC FAU = FACULDADE DE ENGENHARIA CIVIL, ARQUITETURA E URBANISMO
DERI = DIRETORIA EXECUTIVA DAS RELAÇÕES INTERNACIONAIS
DAC = DIRETORIA ACADÊMICA